

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

**Rute dos Santos Lemos Leal**

**JEITO DE FREIRA: infância, escolarização e religiosidade da Ir. Anacleta de Araujo  
Ferreira – Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria (1973 -1987)**

**Paranaíba/MS**

**2015**

**Rute dos Santos Lemos Leal**

**JEITO DE FREIRA: infância, escolarização e religiosidade da Ir. Anacleta de Araujo  
Ferreira – Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria (1973 -1987)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade  
Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para  
Licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde  
Paes

**Paranaíba/MS**

**2015**

**RUTE DOS SANTOS LEMOS LEAL**

**JEITO DE FREIRA: infância, escolarização e religiosidade da Ir. Anacleta de Araujo  
Ferreira – Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria (1973 -1987)**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes (Orientador)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Estela Natalina Mantovani Bertolotti  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lucélia Tavares Guimarães  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

À Irmã Anacleta de Araujo Ferreira

## AGRADECIMENTOS

A Deus, segundo a minha fé, por me dar forças para vencer os obstáculos no caminho da vida.

A minha família por estar sempre me ajudando e incentivando meus estudos, minha mãe Maria de Fátima dos Santos Lemos, e meu pai Sebastião Lemos do Carmo, pelos cuidados, carinho e o amor.

Ao meu esposo, Robson Leal de Souza, pela cumplicidade, amizade e amor.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes, pelo estímulo, a orientação prestada no decorrer dessa trajetória de pesquisa, pelo apoio, dedicação, compromisso e gentileza.

Às irmãs do convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli por terem contribuído com essa pesquisa, principalmente, Irmã Anacleta de Araujo Ferreira pela participação na pesquisa, Irmã Fabiani Rondon da Silva, Irmã Nádia Katianne Rodrigues Silva, agradeço de coração.

Aos meus colegas do curso de Pedagogia, turma de 2015, por termos caminhado juntos, passado diversas dificuldades, momentos de alegria e tristeza compartilhadas, e em especial, Élide Pereira Saladine, Samuel da Silva Fernandes e Zuleica Gonçalves, por estarmos juntos, pelas conversas de longas horas, as dificuldades enfrentadas, a personalidade marcante de cada um, com suas características bem peculiares, desejo para cada um de vocês, sucesso profissional, saúde, felicidade e paz.

Ao professor Me. Jémerson Quirino de Almeida pelas contribuições teóricas e metodológicas.

Aos meus professores de graduação do curso de Pedagogia, pelo aprendizado e a contribuição significativa na minha formação acadêmica.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica (Pierre Nora, 1993, p.9).

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar Memórias de Infância, Escolarização e Religiosidade da Freira Anacleta A. Ferreira pertencente ao convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli - Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria. A metodologia utilizada para pesquisa foi a História Oral, que tem como técnica, o uso de entrevistas por meio de registro dos depoimentos. Tais entrevistas foram gravadas, transcritas e serão preservadas no Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-Mato-Grossense e Brasileira (CEDOCMS), localizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Paranaíba, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação (GEPHEB) e o (GEPEDIR) Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Religiosidades. A abordagem histórica do tema se realizou também em pesquisa documental, desenvolvida mediante os procedimentos de localização das freiras, visitas iniciais, e seleção de fontes como documentos, fotos e entrevistas. O recorte cronológico foi escolhido a partir do início da escolarização de Anacleta de Araujo Ferreira em 1973 e com a entrada no convento no ano de 1987. Para a elaboração desta pesquisa, com a metodologia da História Oral recorreu aos seguintes estudiosos: Sônia Maria Freitas (2006), Verena Alberti (2011) e outros. Buscou-se também elucidar os fundamentos teóricos da História Cultural para discorrer sobre a criação do convento Casa de formação Madre Maria Tereza Spinelli em Paranaíba, Mato Grosso do Sul. Realizamos reflexão das narrativas de formação escolar e religiosa de uma Freira Agostiniana. Acredita-se que esse estudo contribui para a preservação das memórias da escolarização de freira que atua na sociedade de forma significativa com serviços de atendimento social e educacional.

**Palavras-chave:** Memória. Escolarização. Formação Religiosa.

## ABSTRACT

This study had the purpose to investigate Childhood Memories, Schooling and the Religiosity of Anacleta A. Ferreira, a Nun belonging to the convent Madre Maria Teresa - Formation House - Augustinian Sisters Servants of Jesus and Mary. The methodology used for this research was the Oral History that has as technique, the use of interviews via testimonials registrations. Such interviews were recorded, transcribed and will be preserved in the Brazilian Education Center of Memory and Documentation in the State of Mato Grosso do Sul (CEDOCMS) located at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) in Paranaíba, linked to the History and Historiography of Education (GEPHEB) and the (GEPEDIR) Education, Diversity and Religiosities Studies and Research Groups. The historical approach to the topic was also held in documentary research, developed through the procedures of nuns' location, initial visits, and selection of sources such as documents, photos and interviews. The chronological cut was chosen from the beginning of Anacleta de Araujo Ferreira's schooling in 1973 and her entry to the convent in 1987. For the drafting of this research through oral history methodology, it was referred the following scholars: Sonia Maria Freitas (2006), Verena Alberti (2011) and others. It was also sought to elucidate the theoretical elements of Cultural History to discuss the creation of the convent Madre Maria Teresa Spinelli – Formation House in Paranaíba, Mato Grosso do Sul. We conducted a reflection from the narratives of educational and religious formation of an Augustinian nun. It is believed that this study contributes to preserve the schooling memories of a nun engaged to the society in a significant way with social care and educational services.

**Keywords:** Memory. Schooling. Religious Formation.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> - Madre Maria Tereza Spinelli, 1789 -1850.....	33
<b>FIGURA 2</b> - Berçário da Santa Casa da Misericórdia.....	35
<b>FIGURA 3</b> - Irmãs reunidas na Santa Casa da Misericórdia.....	35
<b>FIGURA 4</b> - Projeto Arquitetônico da Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli.....	36
<b>FIGURA 5</b> - Benção do Terreno para iniciar a construção da casa.....	37
<b>FIGURA 6</b> - Construção em andamento do prédio, 1983.....	38
<b>FIGURA 7</b> - Cerimônia de Inauguração da Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli.....	38
<b>FIGURA 8</b> - Frente da Casa de Formação, em 1984.....	39
<b>FIGURA 9</b> - Irmã Anacleta Araujo Ferreira.....	40

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: a oralidade como fonte de pesquisa.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Início da História oral.....</b>	<b>14</b>
1.2 História oral e Memórias.....	19
1.3 Entrevistas: técnicas e procedimentos.....	24
<b>2 CASA DE FORMAÇÃO MADRE MARIA TEREZA SPINELLI.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 A vida de Maria Tereza Spinelli.....</b>	<b>29</b>
2.2 Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria em Paranaíba/MS.....	34
<b>3 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA, ESCOLARIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE: Irmã Anacleta de Araujo Ferreira.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 Trajetórias de Infância e Escolaridade.....</b>	<b>40</b>
3.2 Escolarização em São Paulo.....	42
3.3 A escolha pela vida religiosa.....	46
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE A- Roteiro de entrevistas.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de entrevistado.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de Pedagogia em 2012, logo iniciei a pesquisa de Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti, financiada pelo órgão de fomento Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). Esta pesquisa foi realizada de julho de 2012 a agosto de 2013, e investigou a História da escola primária do município de Paranaíba, MS, por meio de registros da memória de ex-professores, com uso da metodologia da História Oral, de modo a contribuir para a produção de uma História da educação em Mato Grosso do Sul (MS) e no Brasil, a partir de uma história local vivenciada na memória dos sujeitos-pivô da escola primária.

Em 2013, participei novamente do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba (PIBIC/UEMS), financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), compreendido no período de agosto de 2013 a julho de 2014, que procurou estudar a escolarização da infância na escola primária rural de Paranaíba, a partir das memórias de ex-alunos desse modelo de escola. A experiência com duas pesquisas de iniciação científica proporcionou um significativo desenvolvimento qualitativo como acadêmica do curso de Pedagogia da mesma universidade, pois passei a ter mais interesse nos estudos voltados a temas da História Oral, infância e escolarização. A delimitação cronológica da pesquisa foi a partir do início da escolarização da Irmã Anacleta de Araujo Ferreira em 1973 e depois com a entrada dela no convento em 1987. A escolha por essa freira para a realização da pesquisa deu-se, a partir do tempo maior de anos de vida religiosa no convento.

Ao realizar um levantamento bibliográfico no acervo digital da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no Banco de Teses e Dissertações de Mestrados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO), não encontrei pesquisas referentes ao tema memórias de escolarização de uma freira, portanto optei pela temática. É importante ressaltar que o interesse pelo tema advém de pesquisas no campo da História da educação e religiosidades, a saber: as pesquisas realizadas na iniciação científica e nas linhas de estudos dos grupos dos quais faço parte, o Grupo de Estudos e Pesquisa, História e Historiografia da Educação

Brasileira (GEPHEB) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Religiosidades (GEPEDIR).

Em vista do exposto, considero necessário e relevante uma pesquisa como esta, pois essas mulheres contribuem com seus serviços de assistência social no município de Paranaíba, MS, não somente para evangelização da comunidade, elas são responsáveis por instituições, como Abrigo Lar Tereza Spinelli<sup>1</sup>; Centro Educacional Infantil Tereza Spinelli; e promovem trabalhos de caridade com os necessitados. Do ponto de vista proposto, espera-se contribuir também para a preservação da memória da escolarização da freira que atua de forma relevante na sociedade.

A partir dessas considerações, formularam-se as seguintes questões norteadoras da investigação: Como foi a infância dessas mulheres? Quais dificuldades tiveram e como aconteceu essa escolarização? Como se dá a construção da formação religiosa? O que leva uma mulher a optar pela vida religiosa? Quando foi criado o Convento Madre Maria Tereza Spinelli? Essas são algumas das questões levantadas para investigar a escolarização das freiras no Convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli localizada em Paranaíba, MS. A escolha do título da pesquisa se deu em referência da pesquisa de Miriam Pillar Grossi, no artigo *Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina*. Nesse estudo, a autora retrata o que leva uma jovem a se inserir na vida religiosa e como são as etapas da formação para se tornar uma freira.

A metodologia usada foi a História oral, que tem como técnica a utilização de entrevistas. Para a execução da pesquisa, foram feitos levantamento, localização das freiras, visitas iniciais, elaboração de roteiro de entrevistas com temática definida; termo de consentimento livre e esclarecido de entrevistado e procedimentos de seleção de fontes primárias (documentos, fotos, ou entrevistas). As estratégias utilizadas para a construção do campo de pesquisa partiram de leituras teóricas e metodológicas. Para fundamentar o estudo, recorri aos seguintes estudiosos: Sônia Maria Freitas (2006), Verena Alberti (2011), Michael Pollak (1989), dentre outros.

Este trabalho de conclusão de curso investigou as memórias de infância, escolarização e religiosidade da freira Anacleta de Araujo Ferreira que vive no convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli em Paranaíba, Mato Grosso do Sul (MS).

---

<sup>1</sup> Segundo as informações obtidas no Convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, o Abrigo foi fechado no ano de 2009 por dificuldades sociais.

O objetivo da pesquisa foi preservar memórias de escolarização de uma freira Agostiniana pertencente a esse convento. Nele, a Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli- Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria contribui significativamente com serviços de assistência social e educacional nesse município.

A abordagem histórica do tema está centrada em pesquisa documental, desenvolvida mediante procedimentos de localização, seleção de fontes primárias (documentos, fotos e entrevistas); com os fundamentos da História Cultural e da metodologia da História Oral. Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se por escolher o gênero História Oral de vida, abordando a infância, a escolarização e também a formação religiosa da freira Anacleta de Araújo Ferreira.

Para responder às indagações propostas, e atingir os objetivos desta pesquisa, os resultados estão organizados em três sessões. Na primeira sessão -“História oral e memória: a oralidade como fonte de pesquisa” - são esclarecidos os fundamentos da metodologia da História Oral e sua relação com a memória, abrangendo o surgimento dessa teoria, os seus procedimentos e as técnicas de usos. Na segunda sessão -“A Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli” -, discorre-se sobre a história de vida da fundadora do convento e, posteriormente, como sucedeu a criação dessa Casa de formação religiosa em Paranaíba, MS. Na última sessão, apresentam-se as “Memórias de infância, escolarização e religiosidade da freira Irmã Anacleta de Araújo Ferreira”. Iniciamos com a trajetória de infância, escolarização e finalizando com a formação religiosa.

Nas Considerações Finais procura-se responder às questões levantadas na pesquisa, realizando uma reflexão das narrativas apresentadas pela Irmã Anacleta de A. Ferreira. Diante deste estudo, esperam-se viabilizar pesquisas correlatas, mediante a produção de fontes. Espera-se que não seja o fim da pesquisa, e sim a gênese de estudos voltados aos temas infância e escolarização.

## 1 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: a oralidade como fonte de pesquisa

A História Oral como procedimento metodológico de pesquisa na realização de entrevistas, permite registrar lembranças de indivíduos, de instituições, grupos sociais; vivências e impressões daqueles que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade. Nesta sessão abordaremos o estudo da oralidade como fonte de pesquisa e os fundamentos teóricos e metodológicos da História Oral.

### 1.1 Início da História Oral

Considera-se o marco inicial da História Oral o ano de 1948, nesse período foi quando inventou o gravador de fita, e formou-se o Columbia University Oral History Research Office, o programa de História Oral da Universidade de Columbia, fundado por Allan Nevins e Louis Starr em Nova York, nos Estados Unidos. A preocupação principal que ambos possuíam era de organizar material para o uso de futuras gerações com base em entrevistas realizadas com pessoas famosas destacadas na história norte-americana que são reconhecidas na vida política, econômica e cultural do país, os homens públicos. De acordo com Verena Alberti (2011), na sua obra *Histórias dentro da História*:

Na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se freqüentes também as “entrevistas de história de vida” com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. “Foi a fase conhecida como da História oral “militante”, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo”. Esses pesquisadores procuravam diferenciar-se da linha seguida pelo Columbia History Office, que privilegiava o estudo das elites, e, por isso mesmo, passou a ser visto como exemplo daquilo que não se deve fazer. Nessa época, fizeram sucesso, no Estados Unidos e na Europa, publicações que reproduziram entrevistas com camponeses e trabalhadores, sobre sua trajetória e sua vida cotidiana. Na França, chegou a ser publicada uma coleção com o nome sugestivo de “Vivências” com relatos desse tipo. Esse *boom* da História oral na década de 1960 acabou marcando bastante a própria metodologia: suas práticas e forma como passou a ser vista por historiadores e outros cientistas sociais. (ALBERTI, 2011, p.157, grifos da autora).

Alberti (2011) ratifica que a falha que sucede da História oral “militante” são definições do tipo de História “de baixo” *versus* História “de cima”, admitindo uma noção que grupos abaixo da escala social são povos sem escrita, reforçando a ideia de preconceito em relação a eles, de não serem capazes de deixar escritos sobre si mesmos. No livro *A escrita da*

*História*, Peter Burke (1992) afirma que o movimento da história vista de baixo expôs que os registros de documentos oficiais que se concentram apenas nos feitos dos grandes homens têm limitações, pois geralmente expressam somente ponto de vista oficial, desconsiderando as opiniões das pessoas comuns. Para o autor, reconstruir a história dos que foram considerados rebeldes pela História oficial, demonstra que esses registros necessitam ser supridos por outros tipos de fontes.

A possibilidade de registrar a vivência de grupos ou minorias que não são estudados demonstrou um avanço na área das Ciências Humanas, porém esse reconhecimento apenas foi possível com a transformação das ciências que deixaram de considerar uma única história ou identidade nacional para reconhecer as várias histórias, memórias e identidade de uma sociedade. Após alguns anos a metodologia da História Oral passou a ser aceita e incorporado as práticas da Academia científica. A resistência com essa metodologia se deveu com a forma de como eram realizadas as pesquisas com a História Oral. A oportunidade de recuperar esses testemunhos rejeitados pela história permite o registro de diferentes pontos de vista, os quais estariam condenados ao esquecimento pelo discurso de poder.

A finalidade da História Oral é “criar fontes históricas”. Dentro da perspectiva de Freitas (2006) no livro sobre História Oral: Possibilidades e Procedimento, essa metodologia pode ser dividida em três gêneros: tradição Oral, história de vida e história temática. A tradição Oral pode definir como um testemunho transmitido oralmente de geração para geração, ela pode ser identificada não apenas em uma comunidade ágrafa, mas também nas sociedades rurais e urbanas, por exemplo as histórias infantis, brincadeiras e cantigas de rodas. A autora traz que a História de vida é considerada um relato autobiográfico, no qual é realizada a reconstituição do passado efetuado e feito sobre o próprio indivíduo. A História Oral temática é realizada sobre determinado assunto, com um grupo específico de pessoa, mostrando divergência e convergências de uma memória coletiva ou individual.

Alberti (2011) considera que muitas pesquisas cometiam equívocos que convêm evitar, isto é, considerar que o registro da entrevista já é a própria História de um povo, uma “verdade pronta”, assim a entrevista, em vez de fonte para estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real. A confusão está em considerar que a entrevista é uma História, e não uma fonte que precisa de interpretação e análise.

Com a popularização da História Oral nos Estados Unidos e em vários países da Europa, em 1975 chega ao Brasil:

Em meados da década de 1970, precisamente em 1975, a História oral chegou ao Brasil. De 7 de julho a 1º de agosto daquele ano, foi realizado o I Curso Nacional de História oral, organizado pelo Subgrupo de História oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDCS), formado em dezembro do ano anterior por representantes de quatro instituições: a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Fundação Getulio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Entre os cerca de quarenta alunos inscritos no curso, havia membros de diferentes instituições do país. Os professores convidados eram George P. Browne, do Departamento de História da Seton Hall University, Nova Jersey; James e Edna Wilkie, do Latin American Center da Universidade de Califórnia, e Eugenia Meyer. (ALBERTI, 2011, p.160).

Com esse curso nacional de História Oral, começaram a ser realizadas as primeiras entrevistas do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas. O objetivo do programa era estudar a trajetória das elites brasileiras da década de 1930 e compreender como chegou ao regime militar (1964-1985). Para alcançar essa meta de conhecer os conflitos, as influências políticas e os intelectuais das elites, as entrevistas de história de vida foram consideradas o instrumento ideal e que se estenderia por várias sessões sobre a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa.

Na década de 1980 no Brasil, Alberti (2011) verifica que se formaram núcleos de pesquisas e programas de História Oral voltados para diferentes temas de estudo. Um levantamento feito pelo CPDOC entre 1988 e 1989, e publicado como apêndice na primeira edição no manual de História Oral desse centro de pesquisa, demonstrou a existência de pelo menos 21 instituições de pesquisa que trabalhavam com História Oral em dez estados diferentes: Bahia, Distrito Federal, Ceará, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo.

A disseminação da História Oral no Brasil e no mundo tornou-se inegável e com isto, na academia, no debate das décadas de 1980 e 1990, buscou-se refletir sobre as implicações metodológicas da História Oral para que a aplicação de entrevistas não seja vista com desconfiança. Para Alberti (2011), desde muito tempo com a perspectiva positivista predominante no século XIX, na História priorizou-se o escrito e desconsiderou-se o oral, identificando este com o “anedótico”, e o estudo preferencial com fontes quantitativas, considerava que os relatos de pessoas, biografias, histórias de vida não contribuiriam para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, dificilmente representativos e distorcem os fatos. A autora afirma que hoje a concepção de subjetividade pode se constituir em fontes escritas e objeto do pensamento científico. Essas mudanças na sociedade moderna contribuíram com as novas tecnologias surgidas, e modificaram os hábitos de comunicação e



de registro, modificando conteúdos dos arquivos históricos, registros de fotografias, filmes, monumentos, objetos, música, anúncios, obras de arte, arquitetura, que são passíveis de se tornar fontes para estudo da história, o documento escrito deixou de ser o único e exclusivo dos restos do passado.

Freitas (2006) salienta que a maior contribuição para a mudança dessa perspectiva positivista foi com o movimento iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir do lançamento da revista *Annales*, em 1929. O trabalho do grupo colaborou para a construção da História como ciência, e também para a renovação dos estudos da História. As idéias e diretrizes principais do grupo apresentadas por Peter Burke (1981 apud Freitas 2006, p. 41) são as seguintes:

- 1) a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema;
- 2) história de todas as atividades humanas e não apenas da história política;
- 3) colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística e a antropologia social.  
Esta última idéia foi decorrência das infundáveis discussões que Febre e Bloch mantiveram com o psicólogo social Charles Blondel e o sociólogo Maurice Halbwachs, cujo estudo sobre a estrutura social da memória, publicada em 1925, causou profunda impressão em Bloch.
- 4) introdução de diversos aspectos da vida social nos estudos da história, trabalhados por Febre: “a vida diária”, o povo e as coisas, “coisas que a humanidade produz ou consome”, alimentos, vestuário, habitação, ferramentas, moedas, cidades; a “civilização material” e as representações coletivas de Braudel; história sócio-cultural por Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Le Goff, Georges Duby;
- 5) ênfase na história econômica, demográfica e social, salientando os aspectos sociais por meio de estudos regionais, coletivos e comparativos em detrimento do episódico e individual;
- 6) descoberta e utilização de novas fontes: tradição oral e vestígios arqueológicos.

Esse movimento chamado de a Revolução Francesa da Historiografia por Peter Burke, conforme a autora Freitas (2006) revolucionou a História no que diz respeito às abordagens, aos métodos e aos conceitos. O grupo dos *Annales* mais tarde passou a ser denominado, de “Nova História”. Burke (1992) aponta que muitas pessoas considera que a nova história está associada a Febvre e a Marc Bloch para divulgar essa nova abordagem dos métodos, e na próxima geração com Fernand Braudel. Todavia, para o autor, eles não estavam sozinhos, pois tiveram contribuições de outros movimentos tais como: antropólogos, economistas, psicólogos e sociólogos. A partir desses movimentos, foram descobertas novas abordagens para poder investigar os vestígios do passado, e a utilização das fontes orais se tornou necessária.

De acordo com Freitas (2006) o trabalho com a História Oral permite um estudo das diferentes formas de articulação de atores, trajetórias de indivíduos pertencentes a diferentes camadas sociais, comunidades, tradições culturais, bairros de imigrantes, e podendo investigar a História de instituições públicas, privadas, tradições orais, e História da memória. A crítica que essa metodologia sofre, diz respeito às “distorções” da memória que são carregados de subjetividade e com isto, não se pode confiar no relato do entrevistado. Considera-se que hoje a análise desses relatos pode levar a compreender melhor os valores coletivos cultivados das próprias ações de um grupo.

Freitas (2006) argumenta que a História Oral pode mostrar que a constituição da memória é objeto de uma negociação contínua, pois a memória está sujeita à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção, de considerar o que é importante para o sentimento de unidade, isto é, o de identidade.

Essa metodologia nos permite captar, a partir das falas dos indivíduos, o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinado assunto, dando voz aos esquecidos da história, através do resgate da memória individual ou coletiva. Freitas (2006, p. 49) afirma que “a maior potencialidade deste tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico”. Para a autora, como a História Oral tem como base as lembranças, o uso do depoimento oral como fonte histórica nos permite uma reflexão sobre o fenômeno da memória, entendida como conjuntos de funções psíquicas e cerebrais capaz de conservar certas informações.

Freitas (2006) destaca que são poucas tentativas de definir o que é a memória, principalmente em áreas como História, Sociologia, Antropologia etc. A noção de memória está presente no nosso cotidiano e, na modernidade, a memória está ligada ao desenvolvimento da Cibernética, por exemplo, a memória armazenada pelos computadores e, também na Biologia, que temos a memória da hereditariedade, presente no nosso código genético.

Em concordância novamente com Freitas (2006), desde a antiguidade clássica, os gregos cultuavam a memória e fizeram dela uma deusa, a Mnemósine. Essa deusa lembra aos homens e os heróis os seus altos feitos. A memória é um mecanismo complexo, a ainda hoje podemos ver pouco conhecimento, mesmo para as outras ciências como a Neurologia, a Psiquiatria e a Psicologia.

Freitas (2006) ressalta que o esquecimento está presente no processo da memória, casos comuns são de pessoas que sofrem com a doença do Alzheimer. Temos também pessoas

com idade avançada para quem acontecimentos recentes são esquecidos primeiro. A metodologia da História Oral nos possibilita o registro das “reminiscências” das memórias, seja ela individual ou coletiva, levando à reinterpretação do passado.

## 1.2 História e Memória: notas introdutórias

Para Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski Senna (2011) em sua pesquisa História Oral como fonte: problemas e métodos, a sociedade moderna vive na era da tecnologia, a qual a informação é divulgada a todo o momento, seja rádio, televisão, telefone, nos quais a oralidade se destaca nesse processo dos meios de comunicação.

Ambas as autoras acrescentam que o historiador muitas vezes necessita de documentos variados, e não somente os escritos. E por isto o uso das fontes orais vem trazendo novas vantagens à Historiografia. A História Oral como metodologia de pesquisa centra-se na memória humana, e na sua capacidade de relembrar o passado, enquanto “testemunho vivido”. Conforme Matos e Senna:

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Para Maurice Halbwachs (2004:85), toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças afluam, mas podemos controlar a forma como essas lembranças saíam da esfera do íntimo, do privado, e ganharão vida própria no público. (MATOS e SENNA, 2011, p.96).

Entendemos que a memória faz uma reconstrução do passado, e apenas identificamos acontecimentos públicos que sejam relevantes para o nosso grupo ou que passam a ser significativos para nós, podemos lembrar-nos de uma música em nossas lembranças, que fez grande sucesso em certo período ou de uma catástrofe da natureza como o tsunami que ocorreu no Japão em 2011, devido um terremoto de 9 graus na escala Richters. Logo a memória é uma construção feita no presente a partir das experiências vividas no passado.

Michael Pollak (1989), em sua pesquisa *Memória, Esquecimento, Silêncio* descreve que ao privilegiar a análise dos marginalizados, a História Oral ressaltou a importância de memórias “subterrâneas”, como parte das culturas minoritárias e dominadas que se opõem a “Memória Oficial”, no caso a memória nacional. Para Matos e Senna (2011), memórias individuais e coletivas estão ligadas; a todo o momento estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos. De acordo com Pollak (1989):

Observou-se a existência numa sociedade de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade. Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas, ao contrário das memórias subterrâneas discutidas acima. Fora dos momentos de crise, estas últimas são difíceis de localizar e exigem que se recorra ao instrumento da História oral. Indivíduos e certos grupos podem teimar em venerar justamente aquilo que os enquadramentos de uma memória coletiva em um nível mais global se esforçam por minimizar ou eliminar. Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da História oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1989, p.10).

Portanto, a História Oral busca registrar e preservar as percepções, lembranças de indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e permite um conhecimento de acontecimentos vivido que, de outra forma, não conheceríamos.

Bruno Picoli (2010) em sua obra sobre *Memória, História e Oralidade* assinala que grandes partes dos pesquisadores que se dedicam as fontes orais entendem que mesmo quando o indivíduo relembre, ele apresenta uma visão de mundo única, que é só possível dentro do grupo social no qual está inserido. Com isto, o autor afirma que não existem memórias individuais, na essência do termo, mas sim, memórias coletivas com possibilidades de individualidade. Segundo Matos e Senna (2011):

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação.

No entanto, há muito existe preconceito quanto ao uso da fonte oral. Em contrapartida, através de movimentos de renovação metodológica, realizados pelas escolas britânicas, norte-americanas e francesas, o campo de pesquisa se alargou

para o historiador, fazendo com que esse tipo de fonte passasse a ser explorado com mais regularidade, vencendo de certa forma os preconceitos. (MATOS E SENNA, 2011, p.98).

Dessa forma os estudos com fontes orais permitem dar voz “aos marginalizados” pela história, que estariam relegados ao esquecimento, muitos pesquisadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente nos relatos orais de pessoas que vivenciaram certo período, isto possibilitou novas versões da história.

Matos e Senna (2011) evidenciam que alguns aspectos críticos de utilização da fonte oral são quanto à confiabilidade desta fonte, pois muitos dizem que os testemunhos orais são fontes subjetivas, relativas à memória individual, considerada falível e fantasiosa. Outra crítica à fonte oral refere-se que ela só pode ser usada em temas de pesquisas contemporâneas. Para as autoras essa crítica apenas é válida, enquanto nós não produzimos e formamos arquivos especializados em fontes orais, nos quais as filmagens, as fitas, as transcrições das testemunhas serão guardadas e possibilitarão a historiadores em um distante futuro a pesquisar e estudar os tempos passados e não necessariamente do presente. Ambas consideram que “[...] o historiador da oralidade é criador da própria fonte, pois a entrevista precisa ser extraída da testemunha e somente se torna fonte após a transcrição”. (Matos e Senna, 2011, p.102).

Rodolfo Fiorucci (2010) em sua pesquisa *História oral, Memória, História*, apresenta que o pesquisador ao buscar fontes orais, ele obterá um ato de rememorar a fonte. Portanto os preconceitos perderam força e a História Oral já ocupou o seu lugar na historiografia atual, sendo considerada por alguns acadêmicos não apenas como alternativa, mas também como uma metodologia da história. De acordo com o autor ao procurar fazer o resgate dessas memórias que se perdiam, e utilizá-las como objeto e fonte de análises historiográficas, os pesquisadores desenterram lembranças que se apagavam e abriram feridas que permaneciam fechadas. Dessa forma, Fiorucci (2010) discorre que a memória que estava fragmentada, pluralizada, invadiu o território do historiador e tornou-se um importante instrumento para compreender os vínculos sociais e as identidades individuais e coletivas.

Conforme Fiorucci (2010) a História Oral passa ganhando terreno e a memória sendo questionada novamente:

Com a História oral ganhando terreno e a memória sendo rediscutida, é inegável que a memória subverteu a história, na medida em que estimulou revisões epistemológicas e indicou outros caminhos e possibilidades de se fazer história. Não

obstante, a história também subverteu a memória. O que dizer do fato de que a história, a partir do momento em que recuperou e estimulou memórias escondidas e caladas, expôs problemas que estavam velados no seio da sociedade, trazendo os excluídos ao centro do debate. (FIORUCCI, 2010, p 11,12).

Fiorucci (2010) salienta que os avanços teóricos e metodológicos proporcionados pelos longos debates sobre a História Oral possibilitaram que as distorções da memória fossem ocupadas como um recurso, e não como problema, pois o processo de lembrar poder ser um meio de explorar os subjetivismos da experiência vivida da natureza da memória coletiva e individual.

Na afirmativa de Matos e Senna (2011), apesar de a memória não apresentar precisão, ela é a base formadora da oralidade, pois está constantemente acertada às crenças e aos imaginários dos sujeitos. Pode-se afirmar que os estudos com fontes orais tiveram um grande debate. Fiorucci (2010) apresenta:

Mesmo com a expansão entre os professores e os estudantes nos anos 1970, o debate não cresceu a ponto de significar um debate metodológico consistente. Nas palavras de Ferreira e Amado, foi apenas nos anos 1990 que a História oral passou a ter maior visibilidade no Brasil. Por exemplo, a revista *Estudos Históricos* lançou, em 1989, um número totalmente dedicado à problemática da memória. Daí em diante, o debate sobre as fontes orais avultaram-se, tanto que os congressos sobre o tema tornaram-se recorrentes e, durante o II encontro Nacional de História oral, realizado no Rio de Janeiro, em 1994, a Associação Brasileira de História oral (ABHO) foi criada. Esta conta, atualmente, com membros de todas as regiões do país e reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais. Dois anos depois, em 1996, foi criada a Associação Internacional de História oral, que também realiza congressos, mas nesse caso, bianuais. Tanto a ABHO quanto a Associação Internacional editam uma revista e um boletim.

No âmbito nacional, destaca-se a revista *História oral*, publicada pela ABHO desde 1998. Esta foi a primeira revista no Brasil dedicada exclusivamente à veiculação de trabalhos nacionais e internacionais sobre a oralidade, o que a configura como importante meio de formação, informação e discussão para pesquisadores. (FIORUCCI, 2010, p. 13e 14).

Com o tempo, desenvolveram-se vários trabalhos com a História Oral, tomando como objeto de estudo a memória. Fiorucci (2010), destaca que a postura que a História Oral deve assumir daqui para frente, não se firmar apenas em defesa contra os ataques que marcaram seu percurso, mas sim no seu desenvolvimento teórico e metodológico, para que continue a produzir estudos cada vez mais completos, que levam a atenção do “macro e micro”, social e individual, a cultura, a política, numa prática da historiografia atual que afastou os preconceitos tradicionais, e soube usar os métodos e procedimentos históricos que cada corrente histórica nos ofereceu no desenvolver dessa metodologia.

Éder da Silva Silveira (2007) em sua investigação intitulada de *História oral e Memória: pensando um perfil do historiador etnográfico*, traz algumas reflexões importantes sobre o uso da História Oral na construção do conhecimento histórico e sua articulação com a memória. Para o autor, a função da história desde seu aparecimento sempre foi fornecer a sociedade uma explicação sobre suas origens. A partir do momento em que a história passou a se legitimar como um campo científico, ela se distanciou da memória. Silveira (2007) afirma:

A ampliação do conceito de *fontes* nos estudos históricos passou a enfatizar e a utilizar em larga escala as *representações* na construção do conhecimento. Uma vez que a forma como o indivíduo vê a si mesmo e o mundo em que está inserido se distancia cada vez mais da antiga busca por uma realidade histórica independentemente do sujeito, a verdade ou o real nada mais é do que uma construção cultural. Logo, numa visão qualitativa atual, o papel do historiador não tem sido contar a verdade sobre um fato, mas conhecer diferentes verdades e entender como essas foram construídas pelo sujeito histórico. Todas as conclusões passam a ser provisórias. O imaginário (conjunto de representações; coletivo) formula o real e pelo real é trabalhado num constante movimento de circularidade. (SILVEIRA, 2007, p.36 e 37).

Desse modo, Silveira (2007) postula que o uso da História Oral produz fontes orais que são narrativas da memória, e estimulam a escrita da história, que não é uma representação fiel do que existiu, mas que procura propor uma “inteligibilidade”, em entender a forma como o passado chega até o presente. “O que o historiador escreve não é aquilo que se passou e, sim, uma produção discursiva” (SILVEIRA, 2007, p.41).

Matos e Senna (2011) argumentam que os pesquisadores da oralidade abrem possibilidades de ampliar os conhecimentos acerca das relações entre a história e memória, da mesma forma como dos imaginários e mentalidades individuais. Nesse sentido as autoras asseguram que a História Oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico reconhece que as trajetórias dos sujeitos e grupos, merecem ser ouvidos e que a especificidades de cada sociedade deve ser reconhecida e respeitada.

Silveira (2007) destaca que a História Oral constrói um conhecimento na perspectiva das narrativas, possibilitando uma descrição das representações dos sujeitos que viveram a história. O autor avisa que, ao se trabalhar com as fontes orais, seja com quaisquer outras fontes, não estaremos buscando apresentar o passado como verdade absoluta, e os pesquisadores devem ter cuidados, definindo os caminhos para fazer uma análise de suas fontes.

### 1.3 Entrevistas: técnicas e procedimento

Para Albert (2011) a História Oral é uma metodologia que tem como técnica a coleta de dados por meio de entrevistas, e consiste em registrar testemunhos de sujeitos que vivenciaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. O uso dessa metodologia se beneficia de diferentes ferramentas teóricas e disciplinas das Ciências humanas, como exemplos a História, a Sociologia, a Psicologia e outras. Além desses campos temos variadas áreas do conhecimento: na Educação, na Economia, na Medicina, no Teatro, na Música, que já adotaram e desenvolveram pesquisas com a metodologia da História Oral.

Em concordância com Alberti (2011), uma especificidade presente da História Oral é de fato que uma de suas principais estruturas é a narrativa. Um episódio vivido ou testemunhado pelo entrevistado não pode informar a outrem sem que seja narrado. A narrativa oral resulta de uma interação entre o entrevistado e entrevistador. A autora aponta que o modo como a entrevista é conduzida depende do que o entrevistado fala e como o seu interlocutor percebe. Quem é costumado a falar em público e conceder entrevistas para televisão ou rádio, terá uma postura diferente daquele que não tem essa experiência. Para outros, o fato de estar concedendo uma entrevista pode ser motivo de orgulho ou não, e, essa situação pode ser inibidora. A linguagem oral é diferente da escrita, os leitores podem estranhar o texto da transcrição da entrevista, porque geralmente é menos formal do que um texto na forma escrita, por isto esses fatores devem ser levados em conta na produção e análise da fonte oral.

Alberti (2011) define que para se fazer o uso da metodologia da História Oral é necessário ter um projeto em mãos, determinar quantas pessoas e quais entrevistarem, o que e como perguntar, e que destino será dado ao material produzido.

Em conformidade com o pensamento de Freitas (2006), podemos dividir o trabalho com fontes orais em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. A preparação das entrevistas na íntegra o projeto de pesquisa e a produção dos roteiros das entrevistas. No projeto de pesquisa, deve-se esclarecer que a escolha da metodologia de História oral é adequada à questão que o pesquisador busca responder. É preciso que o desenvolvimento da pesquisa seja de acordo factível, isto é, que tenha entrevistados em condições de prestar seu depoimento. O projeto deve definir quem entrevistar, quantos, qual tipo de entrevista, o que quero saber. Essa decisão deve-se basear em critérios qualitativos; isto significa que os entrevistados são considerados como unidades qualitativas, e não como dados estatísticos.



Freitas (2006) adverte que uma pesquisa com História Oral produz entrevistas de diferentes qualidades, e algumas entrevistas não “rendem”, por mais que sejam importantes a falas sobre determinado assunto, há pessoas que não discorrem sobre o seu passado de modo profundo, da mesma forma que os documentos de um arquivo textual podem ser “prolixos”. A autora pontua que na elaboração do projeto, é difícil definir quantos entrevistados serão necessários para assegurar o valor dos resultados da pesquisa, somente no desenvolvimento do trabalho é que o número preciso de entrevistados começa a se mostrar com maior clareza, pois é conhecendo as fontes de investigação que o pesquisador adquire experiência para avaliar o material produzido e construir uma interpretação. No projeto, quanto ao número de entrevistados, pode optar-se por apenas um depoente, caso seu relato esteja sendo colhido como contraponto e complemento de outras fontes.

Ressaltando novamente Freitas (2006), afirma que de acordo com o objetivo da pesquisa, com relação ao tema, é possível escolher o tipo de entrevista a ser realizada: entrevistas temáticas ou de história de vida. As entrevistas temáticas são as que consistem em a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto história de vida tem como centro de estudo o próprio sujeito na história, sua trajetória desde a infância, passando pelos diversos acontecimentos que presencio e viveu. Ambos os tipos de entrevistas de História Oral presumem a relação com o método biográfico.

Freitas (2006) expõe que, com a escolha do tema, o entrevistador deve elaborar o roteiro geral que o auxiliará no momento da entrevista para não se perder, nos assuntos tratados com relação ao tema investigado. Esse roteiro geral servirá de base para outros roteiros individuais, com isto ao longo da pesquisa esse roteiro pode sofrer alterações, devido às necessidades do projeto. Depois de elaborar o roteiro geral, o primeiro passo é contatar o entrevistado, sobre a possibilidade de conceder o depoimento, neste momento o pesquisador deve explicar os objetivos da pesquisa para realização de entrevistas, informar para o entrevistado que será solicitado a assinar um documento permitindo a utilização da entrevista pelo entrevistador e a terceiros, com possibilidade da divulgação de seu nome na publicação da pesquisa.

Em concordância com Alberti (2011, p.178) “A entrevista de História oral, é antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes”. Alberti (2011) expressa que realizar uma entrevista não é um trabalho nada fácil, um depoimento de menos de uma hora de duração não supre tudo o que se precisa, necessita de várias sessões. Quando formular perguntas, o pesquisador deve ser simples e

direto para facilitar a compreensão do entrevistado. No momento da fala do depoente, o pesquisador deve se calar, assim que o depoente toma a palavra.

Alberti (2011) salienta que o tratamento das entrevistas gravadas no trabalho de transcrição necessita de paciência e dedicação na transcrição, pois consiste em ouvir várias vezes a entrevista e conferir se o que foi escrito é similar ao que foi gravado, corrigindo erros e acréscimos indevidos feitos pelo transcritor. A qualidade do material da gravação depende do equipamento e das condições que o local oferece, evitando barulhos e ruídos, e também da conduta do entrevistador na realização da entrevista; temos que nos preocupar com a qualidade do material produzido e não com a quantidade de entrevistas a serem feitas.

Na realização das entrevistas devemos respeitar o tempo que cada sujeito tem em sua forma de expressar-se, e não levar o entrevistado a exaustão, pois ele pode falar por várias horas. A partir da escolha do tema e da elaboração do roteiro geral para as entrevistas, o entrevistador precisa saber como conduzir sua entrevista. Freitas (2006) adverte que:

[...] Todo entrevistado precisa saber como conduzir a sua entrevista, as questões mais importantes a serem perguntadas e até onde ir nessa entrevista. No nosso entender, uma entrevista sem roteiro e direção tende a ser subjetiva sem dado realmente fundamentais para pesquisa. Por um lado, o que o depoente considera relevante pode não ser, do ponto de vista de nosso trabalho. Por outro lado, levantar questões é útil para as pessoas que falam pouco ou que têm certa dificuldade de se expressar oralmente. Em nossos projetos elaboramos um roteiro amplo e abrangente, que é utilizado em todas as entrevistas, para se garantir uma certa unidade dos documentos produzidos. [...] Aplicação dos roteiros nas entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente e no transcurso da entrevista e, essas às vezes, nos suscitam outras. Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões. É preciso deixar claro que nosso roteiro tem caráter temático e não se restringe à trajetória de vida nossos entrevistados. (FREITAS, 2006, p. 88 e 89).

No transcurso da entrevista, muitas vezes ocorre de o depoente introduzir questões importantes que não estão no roteiro, isto resulta em um enriquecimento da pesquisa. Um recurso importante que devemos evitar é o fornecimento do roteiro ao depoente antes da entrevista, pessoas socialmente importantes pedem previamente a pauta. Freitas (2006) aponta que devemos somente fornecer o plano de entrevista, se esta for a condição da realização, pois o contato prévio pode induzir o depoente a tentar elaborar respostas, tirando a espontaneidade da fala.

Após a produção do roteiro e a lista dos possíveis entrevistados, contatamos o sujeito e informamos sobre o propósito da pesquisa e da importância de seu depoimento para a realização da pesquisa. Entretanto a lista com os nomes das pessoas a serem entrevistadas não é definitiva, pode ocorrer que de um depoente nos levar a descobertas de outros, ou o contrário a pessoa escolhida para dar o depoimento pode recusar o nosso convite. Freitas (2006) apresenta que antes de dar início nas entrevistas, asseguramos aos depoentes de que ele terá o direito de não comentar um assunto que não lhe for conveniente, caso desejar solicitar o desligamento do equipamento, quando este considerar necessário, ou mesmo censurar trechos da entrevista gravada e da transcrição.

A autora salienta que devemos procurar também ter o cuidado de nunca fazer nenhum juízo de valor nas respostas dadas em toda a entrevista. Isto é, ouvimos a experiência e as interpretações e em nenhum momento devemos dar a nossa opinião sobre uma questão específica. O nosso desempenho na condução das entrevistas pesa bastante, para ter esse bom desenvolvimento, dependemos de conselho e da teoria do método da História oral, mas esse bom desempenho está diretamente ligado à prática. Para Freitas (2006, p.92) “Saber entrevistar se aprende entrevistando. Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas”.

Freitas (2006, p.93) afirma no texto “Uma regra básica em História oral é que nunca devemos interromper uma fala e nunca devemos demonstrar desinteresse”. Caso o entrevistado se distancie demais da questão em pauta, devemos aproveitar uma pausa em sua fala e com muito cuidado interferimos para que volte à questão a ser respondida. A autora nos notifica que as perguntas devem ser feitas de forma simples, direta e natural, pois a formulação da questão depende do tipo de resposta de que necessitamos; devemos evitar indagações fechadas que levam as pessoas a responder sim ou não, optando sempre por questões abertas.

Dessa forma, compreende-se que se deve evitar fazer duas perguntas ao mesmo tempo, pois podemos correr o risco de obtermos somente parte da resposta. Aprendemos a não pronunciar qualquer tipo de som, exemplo dizer “sim, sim”, devemos procurar fazer movimentos com a cabeça e sorrir.

Freitas (2006) traz que o local para realização da entrevista deve ser escolhido pelo entrevistado, seja em sua residência ou no trabalho, e devemos deixar que ele determine se é no sofá ou na cadeira, esses elementos, colaboram para o bem-estar físico e psíquico do entrevistado.

Freitas (2006) afirma que como os propósitos da pesquisa têm fins acadêmicos, passamos por algumas etapas que são necessárias. A primeira delas depois da produção da entrevista é a realização da transcrição na íntegra e, posteriormente a leitura e confecção do material. Após a digitação, o texto, deve ser enviado ao depoente para correção de termos, nomes e complementação de frases quando for necessário. Devemos ser o mais fiel possível ao que foi gravado. Conforme a autora na transcrição do discurso verbal para o escrito, é muito comum ter expressões de função fática ou palavras repetidas: por exemplo, entendeu? , assim, né?. São palavras comuns recorrentes na comunicação verbal que servem para verificar se o canal funciona, e confirmar a atenção do interlocutor.

Freitas (2006) salienta que, se a entrevista for publicada, os erros gramaticais como regência, concordância, deverão ser corrigidos. A desvantagem da transcrição é que essa impede a percepção de elementos importantes durante o processo da entrevista como a velocidade da voz, as lágrimas, os risos, o tom, as pausas. Depois da revisão final do texto, o depoente deve assinar um termo de doação de concessão de depoimento à instituição onde o projeto foi desenvolvido ou ao entrevistador, caso seja uma pesquisa individual. No termo, deverão constar as restrições e possibilidades, que vão ser definidas pelo entrevistado. Dessa forma, em relação às questões éticas e legais o pesquisador estará evitando possíveis problemas futuros com os descendentes do depoente.

Portanto a História Oral é eficaz na construção de fontes históricas, entretanto é preciso considerar as falhas que se apresentam nas reminiscências do indivíduo que compartilha suas memórias. Sendo que a memória às vezes não é livre dos conflitos percebidos nas falas dos entrevistados, pois cada pessoa tem uma maneira diferente de se ver e conceber o mundo, alguns têm discursos mais diretos e objetivos que outros.

## 2 A CASA DE FORMAÇÃO MADRE MARIA TEREZA SPINELLI

Nesta sessão abordaremos a história da fundação do convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli em Paranaíba/MS, o lugar onde a irmã Anacleta de Araujo Ferreira escolheu para abraçar o caminho religioso. Conforme a Irmã Agostiniana<sup>2</sup>, essa congregação de formação espiritual surgiu a partir das necessidades de Maria Tereza Spinelli em querer ajudar os necessitados e seguir os ensinamentos de Jesus Cristo. Para compreender como surgiu essa Casa, usaremos como aporte referencial a biografia de Tereza Spinelli, fotografias do acervo do convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli - Irmãs Agostinianas servas de Jesus e Maria.

### 2.1 A vida de Maria Tereza Spinelli

Segundo Fernando Bea<sup>3</sup> (1982) em seu livro *Um amor extraordinário*, a família Spinelli é natural da região de Marcas, próximo a Itália e posteriormente veio para a capital do estado Pontifício no início do século XVIII. Miguel Angelo Spinelli, descendente desta família se casa com Catarina Moretti e tiveram nove filhos, sendo o último Teresa que nasceu no dia primeiro de outubro de 1789, e no dia seguinte foi batizada na Basílica de São Marcos, com a idade de seis anos. Posteriormente Maria Tereza foi enviada a uma mestra particular, que se incumbiria de sua educação. Era considerada uma menina inteligente e sensível, julgava ir à escola um suplício inventado pelos adultos, mas com o tempo aprendeu a amar a leitura e dedicava-se a ler orações e salmos.

De acordo com Bea (1982), no ano de 1805, a situação econômica em Roma era desesperadora por causa da invasão dos franceses, e Miguel Angelo estava no caminho da falência, a única alternativa para essa solução, foi de oferecer a mão da filha em matrimônio. O escolhido foi Luis Ravieli, de vinte anos, filho de João e Savéria Spada. Maria Tereza tinha apenas dezesseis anos e não lhe competia dizer sim ou não. O matrimônio celebrou-se no dia cinco de outubro de 1805, na paróquia de Santa Catarina da Rota. Conforme o autor, logo

---

<sup>2</sup> As irmãs pertencentes a essa congregação passaram a ser chamadas de Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria, após agregação à ordem Agostiniana.

<sup>3</sup> Autor do livro: *Um amor extraordinário*, que retrata a biografia de Maria Tereza Spinelli. BEA, Fernando. Um amor extraordinário. Tradução: Ir. Maria Tereza Cruz. Roma: Tip. Olimpia, 1982. Veja também. Bea, Fernando. Um Amore Straordinario vita di Maria Tereza Spinelli. Roma: Citta'nuova, 1980.

essa união se revelou um autêntico fracasso. Luis Ravieli era um homem violento, instável e inquieto, a ofendia com palavras e constantes agressões que deixavam marcas.

Essa situação chegou à casa Spinelli que decidiu ir às autoridades, e expondo a denúncia, os investigadores vieram pedir informações a vizinhança local e assegurou-se de que os fatos eram verídicos e afastaram temporariamente Maria Tereza de seu lar. Bea (1980, p.65):

L'ultimo interrogatorio Che durò un'intera giornata, lo subí dal vice gerente Benetto Frenaja. Il prelado ebbe l'assoluta certezza di trovarsi al cospetto di un'anima straordinaria. Uomo di larga esperienza, aveva partecipato con Pio VII all'incoronazione a Parigi di Napoleone, non esitò dal consigliare di non tornare mai piú com il marito.[...].

Nel frattempo Luigi scomparve dalla circolazione. Non si fece piú vedere, né avanzò piú alcuna pretesa sulla sposa. Alcuni assicuravano fosse addirittura partito da Roma o finito in carcere per le sue idee politiche. Tornata a casa daí suoi, non smetteva di pregare per l'uomo che pure amò. La maternità avanzava, Il 4 ottobre Del 1806 diede Allá luce una bambina. L'indomani fu battezzata nella basílica di San Pietro e le fu imposto il nome di Maria Domenica.<sup>4</sup> (BEA, 1980, p.65).

Nesse período de 1806 o país ainda permanecia em uma grande crise econômica. Maria Teresa precisava cuidar da filha e de seus pais que se encontravam em idade avançada, assim procurou contribuir no escasso orçamento familiar, e passou a trabalhar de lavadeira de roupa, e também fazia bordados, e procurou trabalhar como ama a serviço na casa da família Stampa.

Em 1809, Maria Teresa parte com essa família para a cidade de Ferentino. Segundo Bea (1982) em novembro de 1815, fundou-se um colégio de Jesuítas nessa cidade, e Maria Tereza o conheceu e teve como diretor espiritual o Padre Capelloni, este encontro deixou profundos traços na vida espiritual de Maria Tereza.

No ano de 1816, Spinelli retorna à casa de seus pais em Roma, seus planos estavam em dedicar-se a sua filha Maria Domingas, mas uma repentina paralisa causada em sua mãe,

---

<sup>4</sup> O último interrogatório que durou quase um dia inteiro fê-lo o Vice-Gerente Bento Frenaja. O prelado tinha absoluta certeza de estar na presença de uma alma extraordinária. Homem de muita experiência, ele tinha participado com Pio VII da coroação de Napoleão em Paris, não hesitou em recomendar para nunca mais voltar com o marido. [...] Enquanto isso Luis desaparecera da circulação. Não se o viu nunca mais, e nem fizera alguma pretensão a respeito da esposa. Alguns asseguraram que saíra de Roma ou preso por suas opiniões políticas. De volta para a casa dos pais, mas não deixava de rezar para o homem que amava. A maternidade avançava e no dia 4 de outubro de 1806 deu à luz a uma menina. Batizada na Basílica de S. Pedro, foi lhe dado o nome de Maria Domingas.

complica os planos de Tereza. No dia 16 de Março de 1820, Catarina Spinelli falece, e Maria Tereza junto com seu pai foi viver na casa de seu irmão Vicente, porém recebia diversas censuras de sua cunhada que a considerava como uma intrusa. Bea (1982) afirma que logo Maria Tereza começou a procurar um mosteiro para onde pudesse seguir sua vocação, já que sua filha estava crescendo e vivia no colégio, e seu pai aos cuidados do irmão, como nada lhe impedia, então conversou com o seu diretor espiritual, o qual concordou com a decisão.

Conforme Bea (1982), Maria Teresa partiu para Frosinone, permaneceu no convento de Santa Clara, fazendo cursos espirituais, mas o seu desejo estava em formar uma congregação religiosa. No dia primeiro de agosto de 1821, foi inaugurada uma escola particular nessa cidade, destinada às filhas das famílias ricas da região, a qual foi confiada a Maria Tereza. No entanto ela queria uma escola acessível para todos, onde a filha de um pobre e a de um senhor poderia se sentar lado a lado.

Bea (1982) atesta que a juventude da cidade de Frosinone encontrava-se em estado de abandono, na qual o índice de analfabetismo era muito alto, deste modo aumentava por todas as partes o banditismo, houve-se então a necessidade de uma escola municipal, e Maria Tereza posteriormente foi convidada a magistratura no ensino público, e com aprovação de seu diretor espiritual o Padre Castelnovo, ela renuncia a escola particular e aceita o cargo nessa escola pública.

De acordo com Bea (1982), em novembro de 1821, a escola Municipal se tornou uma realidade, as famílias competiam entre si para enviar as filhas como interna as mestras<sup>5</sup>. Para comemorar o dia de Pentecostes no ano de 1822, os padres organizaram neste período um curso de exercícios espirituais nessa escola, a qual teve a participação do Padre Valentini, e como Maria Tereza queria muito pronunciar voto de abandono e dedicar a sua vida a Deus, conversou com o Padre Valentini, que foi favorável à decisão. No fim do mesmo ano, Maria é convidada para participar do projeto Bentivoglio, uma união entre o nascente Instituto e as mestras da escola municipal.

Para acelerar a execução deste projeto, Bea (1982) afirma que Maria Tereza voltou a Roma acompanhada do Padre Marchetti e outra irmã, seu encontro primeiramente foi com seus familiares, e posteriormente conheceu a condessa Bentivoglio, que desejava fundar uma Congregação religiosa. E junto com a filha e a condessa, Teresa volta a Frosinone. No entanto, a condessa estava longe de um ideal de vida religiosa, procurava somente amigos

---

<sup>5</sup> Nome dado as mulheres que se dedicam ao ensino na Itália.

com a alta sociedade. Para resolver essa situação foi enviado à comunidade, o Padre Luis Gonnelli, logo a condessa partiu de Frosinone.

Ressaltando novamente Bea (1982), em 1824 chegou à cidade de Frosinone o monsenhor João Antônio Benvenuti enviado por Leão XII, como delegado extraordinário, visitador e comissário Apostólico, com o dever de organizar a repressão do banditismo<sup>6</sup> e inspecionar o estabelecimento de ensino da província. Esse monsenhor ao visitar a escola municipal feminina, ficou entusiasmado, e estudou com Maria Tereza diversos projetos e propostas, pensando em uma transferência dessa escola para um local mais apto. A escolha seguiu ao abolido convento dos Agostinianos, propriedade do município de Frosinone, mas no outono do mesmo ano, o Delegado partiu deixando muitas expectativas, sem nenhuma concreticidade. No dia 25 de Março de 1825, faleceu Miguel Angelo Spinelli, e Maria foi chamada com urgência a Roma.

Bea (1982) afirma que com a insistência de monsenhor Benvenuti, as práticas de obter o ex-convento agostiniano continuaram, e no dia cinco de maio de 1826, o Delegado retornou a Frosinone e informou o Bispo sobre o propósito do antigo convento. Monsenhor Cipriani deu a sua aprovação, e o pedido foi concedido por Leão XII no dia 1 de junho de 1826. Três dias depois de conseguir a concessão, procedeu-se a mudança. Todavia a nova casa era um desastre, com manchas de mofo nas paredes, fechaduras e armações de madeira que não funcionavam, vidros partidos e sujeidade. Depois de terminar os trabalhos no convento, foi possível abrir regularmente a escola, e Maria Tereza começou a pensar em formar uma própria comunidade religiosa, para isto redigiu as Constituições da congregação que submeteu a aprovação do Bispo. Nesse período as mulheres que viviam em comum, que se dedicavam ao ensino, chamavam-se Mestras Pias.

Conforme Bea (1982), Leão XII desejava renovar a família das mestras Pias, com isto acolheu o pedido das mestras de Frosinone de se unirem num conservatório. Com o decreto do Bispo Dom Francesco Cipriani, dado com a Bula<sup>7</sup>, no dia nove de setembro de 1827, fundou-se o Instituto com a denominação Servas de Jesus e Maria, e canonicamente aprovado o Conservatório, foi determinado o dia da vestição que se realizou em 23 de setembro do mesmo ano. Em outubro no ano de 1829, foi feita outra vestição religiosa, quando cinco mestras tomaram posse solene, mas somente em 1830, que Conservatório foi nominado como

---

<sup>6</sup> Fernando Bea (1982) , no livro Um amor extraordinário não informa a situação social e de criminalidade a qual se encontrava Frosinone em 1824.

<sup>7</sup> Selo arredondado e anexado a um documento e/ou a uma carta, atribuindo autenticidade aos mesmos.



Mosteiro e agregado a Ordem Agostiniana, e no ano seguinte, o Vigário Geral dos Agostinianos confirmou a nova congregação.

Bea (1982) atesta que a Congregação crescia, e as vocações para o nascente Instituto parecia não faltar, a escola seguia bem, em 1837 Maria Tereza foi novamente a Roma para adquirir duas vocações, e durante sua estada na cidade recebe uma triste notícia do Convento Veroli sobre sua filha que já se professava beneditina. A jovem tinha comprometido definitivamente o seu sistema nervoso, ao se entregar a excessivos jejuns e penitências. O psíquico de Maria Domingas estava tão afetado que fazia com que ela sofresse diversas crises, e Maria Tereza precisou voltar a Frosinone e levou junto sua filha para cuidar da saúde da garota. Entre essas situações de altos e baixos da jovem, fez com que abalasse a saúde de Tereza, nesse período de 1846 a doença de sua filha agravou-se. A moça veio a falecer no dia dois de outubro do mesmo ano.

Bea (1982) afirma que a saúde de Maria Tereza não se encontrava bem, o falecimento do seu irmão Vicente em fevereiro de 1844, e mais tarde da filha abriram dolorosas feridas nesta mulher, sofria de colite e ciática, passava dias de cama, não podia ficar de pé.

Figura 1:<sup>8</sup> Madre Maria Tereza Spinelli, 1789 -1850



Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli

Ao passar dos anos a saúde de Maria Tereza agravou-se, no dia 21 de Janeiro de 1850, recebeu o Sacramento dos doentes pelo canônico Nicolau Chappini e na manhã do dia 22 de Janeiro do mesmo ano veio a óbito. De acordo com Bea (1982):

---

<sup>8</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, a Casa- Mãe das Irmãs Agostinianas – Servas de Jesus e Maria, fundada pela Madre Maria Tereza Spinelli, foi bombardeada em Setembro de 1943 e após alguns anos reconstruída.

Naquela manhã fria, de janeiro as alunas calmas, foram igualmente às aulas. Admiraram-se ao ver o portão entre aberto. Uma religiosa avisou-as de que a superiora falecera. A notícia espalhou-se e sobre todas veio um manto de tristeza. As maiores foi permitido contemplar os seus restos mortais que se encontravam no salão de honra do Mosteiro depois desfilaram as mais pequenas acompanhadas pelas suas famílias. As crianças não compreenderam o mistério da morte e diziam em voz baixa, que sua mestra era bela e parecia dormir. (BEA, 1982, p.91).

Nesse sentido podemos inferir que Maria Tereza Spinelli, foi uma mulher que soube superar o insucesso de seu matrimônio e as experiências negativas que vivera, lutou pelos seus ideais, crenças, e escolheu viver uma vida religiosa servindo a Deus. Assim a personalidade marcante desta mulher permitiu que seu nome fosse lembrado até os dias de hoje, sendo espalhado por alguns países e posteriormente no Brasil.

## **2.2 Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria em Paranaíba/MS**

No final do século XIX, quatro irmãs da Congregação Servas de Jesus e Maria, partiram da Itália em destino a Malta. A primeira Casa foi fundada dia 6 de agosto de 1894<sup>9</sup> em Qormi, iniciada com o objetivo de fornecer educação à região de Malta. A Congregação floresceu de tal maneira, que atualmente as Escolas dirigidas pelas as Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria, tem aproximadamente mil e quinhentos alunos.

No ano de 1972<sup>10</sup>, dia 21 de dezembro no Brasil, chegaram a cidade de São Paulo, as irmãs maltesas Eugênia Sammut, Laura Cassar, Antida Pace e Emiliana Agius com o objetivo de cumprir missão em Paranaíba e Inocência/MT<sup>11</sup>. Essas irmãs foram convidadas por padres agostinianos malteses que viviam neste lugar, eles pediram pela vinda das irmãs para poder colaborar com eles na missão. Como a região passava por dificuldades sociais, houve a necessidade da vinda delas, mas somente no ano de 1973, que elas vieram a Paranaíba e permaneceram na casa das irmãs Franciscanas por alguns dias, e posteriormente foram viver na Santa Casa da Misericórdia, enquanto que algumas dessas religiosas, como Emiliana Agius e Laura Cassar mudaram-se para Inocência em uma Casa Paroquial.

As irmãs Eugênia Sammut e Antida Pace permaneceram em Paranaíba e procuraram contribuir com trabalhos voluntários, coordenavam a instituição da Santa Casa, buscavam

<sup>9</sup> Informações obtidas pela Irmã Anacleto Ferreira de Araujo.

<sup>10</sup> Os dados coletados são pertencentes a Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli

<sup>11</sup> Optei colocar Mato Grosso, porque ainda não tinha ocorrido a divisão do estado.

recursos, acompanhavam os doentes e logo passaram a receber pelos trabalhos prestados a comunidade.

Figura 2: Berçário da Santa Casa da Misericórdia



Fonte: Casa de Formação Maria Tereza Spinelli, [s/d].

No ano de 1975 veio de Malta a Madre Regional, Chiara Scicluna visitar o andamento da missão e trouxe consigo mais duas irmãs (Francisca Cachia e Laura Cassar), que permaneceram em Inocência até 1982. Os trabalhos realizados por essas mulheres consistiam na Catequização, visitas a zona rural, cuidavam de meninas que viviam em situação de risco e lecionava religião e inglês nas escolas. Na Figura 2, temos da direita para a esquerda a irmã Antida Pace, Rebecca Grech com uma criança no colo, em seguida Eugenia Sammut, e duas auxiliares próxima das crianças prestando serviço no berçário da Santa Casa.

Figura 3: Irmãs reunidas na Santa Casa da Misericórdia



Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, [s/d].

Na Figura 3 da esquerda para a direita em primeiro, está irmã Emiliana Agius, Antida Pace, Eugenia Sammut, Susana Cassar, a Madre Regional Chiara Scicluna, Francisca Cachia e Laura Cassar próxima de um vaso de planta, local Santa Casa de Misericórdia.

Após certo período, aproximadamente em 1976<sup>12</sup>, a Madre Geral de Roma, Eugênia Silvestre, veio visitar as irmãs em Paranaíba e percebeu a necessidade de chamar mais jovens para a vocação no Brasil. Logo recebeu uma carta de Jaci Moraes de dezoito anos, moradora de Carneirinho, Minas Gerais. A moça desejava unir-se às irmãs. Após ser aceita, passou a viver com as irmãs no Patronato São José, essa foi à primeira brasileira a entrar na congregação. A segunda jovem vocacionada foi Joana Catarina de Jesus que entrou para o convento em 28 de outubro de 1979, com a idade de vinte e cinco anos, após participar de um giro vocacional realizado na sua cidade em Alexandrita, Minas Gerais, e posteriormente se tornou Madre da Casa.

As irmãs que viviam no Patronato São José<sup>13</sup> precisaram sair, porque os padres necessitavam de usar o lugar e o pediram de volta. Essa situação fez com que as irmãs procurassem um terreno para poder construir uma Casa de Formação e receber as futuras jovens aspirantes.

Figura 4: Projeto Arquitetônico da Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli

**PROJETO ARQUITETÔNICO**

ASSUNTO: CASA DE FORMAÇÃO "MADRE TEREZA SPINELLI"

LOCAL: RUA MARIA CANDIDA DE FREITAS - PARANAÍBA-MS

BAIRRO: CENTRO LOTE - QUADRA -

PROP.: CASA DE FORMAÇÃO "MADRE TEREZA SPINELLI" (ASSOCIAÇÃO SOCIAL SANTA MÔNICA DAS IRMÃS AGOSTINIANAS)

ESCALA INDICADA: DESENHO: JOSIMAR DATA: 05/85 FOLHA: P/A - 01

SITUAÇÃO SEM ESCALA

PROF: Maria Helena Sammut

ENR: [Assinatura]

AUTOR DO PROJETO: ENR: [Assinatura] ENR: [Assinatura] ENR: [Assinatura] ENR: [Assinatura]

ÁREAS EM M<sup>2</sup>: TERRENO = 3.132,00 CONSTRUÇÃO = 1060,00 LIVRE = 2.072,00

**NATALÍCIO SEVERINO GAMA**  
 ENGENHEIRO CIVIL  
 ENR 471/D-MS  
 CPF 08.858.567-5  
 ENGENHARIA DE PROJETOS  
 Edificações, Projetos Industriais, Hidráulicos, Saneamento, Saneamento Básico, Saneamento em Geral, OBRAS DE ENGENHARIA E ENGENHARIA DE FUNDAMENTOS

Av. Três de Maio, nº 21 A - Getúlio Vargas, 75 - Fone: 0-1551  
 CEP 79.500 - PARANAÍBA - Mato Grosso do Sul

Departamento de Obras. Viação e Serviços Urbanos  
 APROVADO  
 PROT. N.º 11/85 DE 06/1985  
 PARANAÍBA, 20 de Junho de 1985

ENR CIVIL - ENR 471/D-MS - ENR 471/D-MS

MUNICÍPIO MUNICIPAL - PARANAÍBA - MS

DECLARAÇÃO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO, POR PARTE DA PREFEITURA DO DISTRITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO

Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli

<sup>12</sup> Informações obtidas do convento Casa de formação Madre Maria Tereza Spinelli

<sup>13</sup> O Patronato São José era denominado de "Patronato de Menores São José", fundado em 1953 e inaugurado somente em 1961, por Frei Pedro Holts e seus coadjuutores. Veja tese de Doutorado de Georgea Suppo Prado Veiga, intitulada História da Educação do Patronato de Menores São José em Paranaíba-MT (1953-1963).

A área do terreno comprada para a construção da casa possuía 3.132,00 m<sup>2</sup>, localizado na Rua Maria Cândida de Freitas no centro de Paranaíba. Antes de iniciar a construção do convento, realizou-se no local uma bênção feita pelo Bispo Dom Izidoro Kossin, natural da Alemanha, junto com a participação da população local.

Figura 5: Bênção do Terreno para iniciar a construção da casa.



Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, [s/d].

Na Figura 5, temos na frente irmã Agostiniana Vincenza Urpani, ao redor estavam várias crianças e uma jovem trajada de vestido verde, com uma faixa vermelha contendo a insígnia da Cruz, representando o Cristianismo, depois um senhor auxiliando o santo serviço, segurando o microfone para o Bispo Izidoro. Ao lado o padre Constantino com um Asperges de água benta, um radialista com gravador na mão acompanhando a bênção. E a esquerda o padre Adeodato, no fundo os moradores da região adeptos ao Catolicismo. Com a realização da bênção feita pelo o Bispo Izidoro Kossin, logo iniciou-se a construção da Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli



Figura 6: Construção em andamento do prédio, 1983.



Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli

Finalizada a obra, a Casa foi inaugurada dia 23 de setembro de 1984, com a presença da Madre Geral Eugênia Silvestre, o Conselho de Roma e representantes do Conselho de Malta, os professores a fé Católica e Autoridades. Pode-se observar na figura 7, Madre Eugenia Silvestre realizando a abertura da casa. Ao lado direito da Madre Eugenia Silvestre a irmã Donata Magali e próximo a ela uma jovem aspirante de blusa azul e saia branca. Do lado esquerdo, irmã Maria do Carmo com o violão, em seguida as irmãs Elza Ribeiro e Josefa.

Figura 7: Cerimônia de Inauguração da Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli.



Fonte: Acervo Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, 1984.

Essa foi a primeira Casa de Formação das Irmãs Agostinianas – Servas de Jesus e Maria presente no Brasil, posteriormente foram abertas outras Casas, a saber: em São Paulo (1986), Nova Londrina (1990) e Rio de Janeiro (1990).

Figura 8: Frente da Casa de Formação, em 1984.



Fonte: Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli.

Na Figura 8 temos as primeiras irmãs vindas para o Brasil, naturais da ilha de Malta, próxima a Itália que iniciou os trabalhos voluntários em Paranaíba/MS. A Figura 8 acima é de frente da Casa, como podem ver o retrato da Madre Maria Tereza Spinelli junto com três crianças uniformizadas. E ao lado esquerdo a irmã Emiliana Agius, a segunda Antida Pace e a última Vincenza Urpani, localizada em cima. Do lado direito temos Francisca Cachia na parte superior, depois Catarina Apap e Eugênia Sammut.

Essa congregação continua com seus serviços no município, são responsáveis por instituições de assistência social para a comunidade, a saber: Centro Educacional Infantil Tereza Spinelli; promove trabalhos de visitas, acompanhamento vocacional a jovens, aconselhamento e oração; catequese; retiros e evangelização. A partir dessas considerações podemos conhecer parte da história desta casa de formação que para essas mulheres é considerado como um lar, e não apenas um lugar onde se prepara para viver em unidade de fé espiritual.

### **3 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA, ESCOLARIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE: Irmã Anacleta de Araujo Ferreira**

Esta sessão busca apresentar narrativas da freira católica Irmã Anacleta de A. Ferreira, moradora no convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, abrangendo infância, escolarização e sua formação religiosa. A pesquisa consistiu na coleta de fontes orais, com uso da metodologia da História Oral de gênero história de vida, com realização de três seções de entrevistas gravadas e transcritas, com duração aproximadamente de 25 a 40 minutos e, levantamento de fontes com visitas compreendidas no período de março a setembro de 2015.

#### **3.1 Trajetória de Infância e Escolaridade**

Figura: Irmã Anacleta Araujo Ferreira



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Meu nome é Anacleta de Araujo Ferreira, nasci dia vinte quatro de agosto de 1966, em Catarina, Ceará. O meu pai chama-se Antônio Rodrigues de Araujo. A realidade de trabalho dele foi ser lavrador e pescador quando nós morávamos no Ceará. Depois ele trabalhou em Restaurantes, isso já em São Paulo e também em uma empresa chamada Toalheiros Brasil.

Minha mãe chama-se Maria Hildair Ferreira de Araujo. Ela é costureira, dona de casa e foi professora de Datilografia; também trabalhou de secretária na Prefeitura da cidade em Catarina. Posteriormente deixou esse trabalho quando tivemos que sair para cuidar da saúde de meu pai.



Tenho sete irmãos, do maior para o menor, são: a minha primeira irmã faleceu com problemas de saúde, era um bebê. Chamava-se Célia Assunta. Depois nasceu Maria Assunta, Ana Céli, José César, eu, Carlos César, Florinda e Celiér. Portanto nós somos sete vivos até hoje, graças a Deus.

A minha formação escolar iniciou em Catarina no Ceará no ano de 1973<sup>14</sup>. Era uma cidade bem pequena, tinha uma avenida imensa que era a central, e depois uma ou duas avenidas na cidade. Com a idade de sete a oito anos, fiz a primeira e segunda série. Eu iniciei no Ceará, estudei nesse lugar e fui alfabetizada. A alfabetização foi muito natural. A realidade do aprendizado como havia comentado, é que naquele tempo quem não fazia, ou cumpria as tarefas tinha palmatória. A cartilha, na qual fui alfabetizada não me lembro do nome dela. Eu sei que foi uma realidade muito pobre em questão. Claro que é uma escola que tinha todos os livros, mas eu não me recordo de ser aquela “coisa” como é até hoje é, em que as crianças são acostumadas com vários livros.

Não fazíamos tantas leituras, o que eu lembro na questão, por exemplo, Matemática, que você fazia e aprendia as continhas; a realidade do Português e Estudos Sociais. Leitura no sentido de exigência escolar no meu tempo na realidade de infância nunca teve. A parte de leitura infantil você tinha em casa, gibi, uma historinha de criança coisas assim, mas só por curiosidade da criança, e não da realidade escolar.

Depois praticamente um ano em média ou dois anos parei os estudos. Por causa dessa realidade do nosso êxodo de sair do Ceará e ir para São Paulo, depois que nós firmamos na escola. Os primeiros anos foram no Ceará, e os demais em São Paulo. A escola em Catarina era pequena, tinha cinco salas de aula, praticamente em um só corredor que fazia um L para saída. A cantina e a diretoria eram pequenas; só isto é que eu me lembro dela.

A cor dessa escola era meio amarelada o mais forte. Ela ficava na parte mais alta da cidade. Era até bonito ver tantos alunos irem e formar aquela fila de gente. Lembro de quando eu descia tinha uma avenida principal, então saía na minha rua que era curta também, entrava naquela avenida até o finalzinho e chegava à escola. O nome dessa escola eu não me lembro, mas sei que tinha reforço escolar para mim; meu pai também ajudava a me ensinar.

No Ceará a realidade é de pobreza, simplicidade de vida; nós brincávamos de casinhas, comidinha com terra, essas coisas assim. As bonecas eram de milho. O nosso quarto era comum, nós dormíamos em redes: eu e os meus irmãos. A cama de casal que era dos meus pais, cujo quarto era separado do nosso. Se alguém tiver oportunidade de conhecer o Ceará,

---

<sup>14</sup> Data obtida do histórico escolar da Irmã Anacleto Araujo Ferreira.

verá que o quarto é limpo. Não tem nada. Tem só os ganchos para as redes, justamente porque a noite não passa ninguém. Tudo cheio de redes e puxado. O quarto não tem muito móvel: um guarda - roupa no cantinho, com espaço mais livre, e com as redes se enchiam tudo.

A minha infância foi muito serena, tranquila de muita paz também no sentido da vivência nessa rua que morávamos. Na rua quando chovia as crianças tomava banho de chuva. O que eu mais lembro era mais de brincar, mas depois das atividades escolares, porque precisava estar fazendo tarefas e tudo mais, mas a maior parte do tempo era brincar; não ajudava em nada, porque eu era pequena. Minha mãe não exigia tanta ajuda, porque tinha os irmãos maiores. Então o que eu lembro é de uma infância de brincadeiras. Nós tínhamos muito tempo para brincar, às vezes de tarde até a noite estávamos na rua brincando.

### **3.2 Escolarização em São Paulo**

Eu fiz até praticamente o primeiro e segundo ano escolar. Foi quando desenrolou a necessidade de cuidados de saúde de meu pai. Tivemos que sair e deixamos a escola. Nós fizemos não creio que tenha sido uma peregrinação, e sim um êxodo, a questão de sair do Ceará, passar por cidades pequenas, como andávamos muito, o ano preciso de chegar a São Paulo, não me lembro.

O meu pai trabalhou muito com a pesca e ficou doente, com esquistossomose. Então nesse período de tratamento, os médicos diziam estar complicado, e não conseguiria mais nada. Isto fez com que minha mãe decidisse levá-lo para um local onde pudesse oferecer mais recursos. Aí se dizia, “São Paulo vai ser o melhor lugar”.

Bom, a escola está localizada na região de São Paulo. Se não me falha a memória é Júlio Maia que se chama a escola. Era uma escola muito simples, no bairro Vila Maria. É uma região também de pessoas muito simples; então na realidade, a escola era muito tranquila.

Eu lembro assim: era uma escola que ficava em uma baixada e parecia que ela tinham até um córrego, que foi tampado para fazer a escola; então o tamanho dela dava quase um quarteirão imenso. Elas são duas escolas próximas, separadas por um muro. Onde eu estudei é aquela mais baixa, do tamanho de um prédio. O lugar que eu estudei era mais baixo, tudo térreo, acredito que não faz uma ou duas escolas que me faça lembrar aquela. Tinha duas alas de corredores, no meio ficava a parte do pátio, o palco, a cantina, a sala dos professores, a diretoria, uma quadra pequena, e uma grande quadra.

O gramado da escola, sempre cortado, tinha uma rampa que se descia próxima uma árvore imensa que cobria praticamente essa rampa; o portão era cinza. As salas de aulas se eu não me engano eram bege e as janelas aquele cinza claro.

A sala de aula era também muito simples, não tinha muito coisa prática, hoje é até muito mais criativo a realidade que temos. Das carteiras o que eu me lembro também era bege - claro. Naquele tempo o que eu estava fazendo era o primário, em uma sala muito simples: lousa, cadeira e com os janelões como se vê em toda sala de aula, essa é a realidade. As carteiras eram unitárias, mesa e cadeira. As salas funcionavam até a oitava série, em média umas oito, no período de manhã e a tarde. Se eu não me engano à noite também, como eu estudei no período da tarde, a turma não se interessava. Como tinha essa escola próxima à noite as pessoas estudavam nela.

A minha rotina escolar tinha a chamada (lista de presença), realidade de escola por si. Mas naquele tempo ainda tinham pessoas, por exemplo, que atuavam bastante o lado criativo com teatros, inclusive tivemos apresentações do dia das mães. Porém a sala de aula por si foi muito tranquila, os professores são muito dados e próximos. Eu lembro que nessa fase, tinha pixote do Dia das crianças. Nessa faixa etária, eu era apaixonada por dois professores particularmente o de história, péssimo de didática experimental, mas muito criativo nas aulas, no sentido de lidar com os alunos; o professor de português, que era uma pessoa muito boa. Aquele que me marcou bastante, bem natural, sem muita rigidez. Apesar de alguns momentos, termos tido troca de professores, se você passou por uma experiência nesse sentido foi uma realidade bem tranquila.

As disciplinas que estudávamos eram História, Português, Matemática, Ciências e Educação Física. Sempre gostei um pouco de história; gostava de jogar bola na Educação Física. Português, já gostava era da professora, do dessa disciplina. Nesse tempo, propriamente não usávamos uniformes. A roupa que vinha de casa tinha que ser descente. Que eu lembro era uma camiseta, saia ou calça simples.

Os materiais utilizados em sala eram livros, propriamente cadernos, e se não me engano nem era aquela questão que hoje já é mais presente nos locais, que eles oferecem livros, porque tínhamos que comprar. A escola trazia ou nós pagávamos a taxa, e os outros utilizavam aqueles livros.

A sala de aula tinha o quadro verde desses de antigamente. Nós víamos o mapa Múndi na diretoria, da parte do lado dos professores, mas na sala de aula, não. Lembro-me da primeira etapa de ensino, passei pela palmatória. Então isto ficou bastante marcado. Certo

medo que criei na questão de errar nas coisas da escola e receber uma palmatória na mão. Mas à parte, esses primeiros momentos, no decorrer do ensino, já foram mais tranquilos; a alfabetização, por si, foi bastante lógica. Matemática, Português, era aquela necessidade de pensar e raciocinar. Na disciplina escolar alguns dos professores, como o de Português e História, me ajudavam muito, porque eu gostava da matéria. E pelo fato de serem muito próximos.

Lembro-me do lugar que eu sentava, na primeira fileira, mais ou menos na terceira ou quarta carteira, sempre a mesma. Na frente tinha medo porque era o lugar no qual os professores chegavam às perguntas. Eu sentava bem no meio, que é um local mais bem-protegido, mas sempre por ali, no terceiro ou quarto lugar. A sala de aula foi muito tranquila, lembro de uma fase de até mesmo de nós ajudarmos muito uns aos outros, a professora permitia auxiliar quem tinha dificuldades em uma conta se você não entendeu o contexto de um assunto. Lembro-me muitos de nós sentarmos juntos, para verificar e fazer uma conta ou partilhar a questão do contexto que fala ou não, e assim por diante. Acho que era muito participativo: de grupo, de partilha do conhecimento ou das capacidades também.

Recordo um pouco é de jovens muito simples também, de muitas amizades, porque acho que a idade favorecia isto. O fato de brincar juntos, jogar juntos. No mínimo, foram colegas muito participativos. Uma realidade era até de ir à casa de um ou de outra de combinar. Uma festinha de aniversário, coisa e outra de convidar e participar. Lembro-me de duas colegas particulares que são gêmeas, pois tínhamos muita proximidade, conversávamos bastante, e brincávamos juntas.

No recreio era aquela badalação, como sempre em todo intervalo. Eu sou um pouco tímida. Então eu ficava sempre no cantinho, observava quem podia; quem falava; quem brincava e tal. A parte em que os meus colegas estavam juntos para conversar, eu, muitas vezes ficava sozinha. Poucas pessoas vinham conversar comigo por causa de minha timidez. Na participação em brincadeiras eram aquelas como “Atirei o pau no gato”, brincadeiras de costume de roda, a dança algo muito presente. Brincávamos de bolinha de gude. Aquela coisa de conversar, bater papo juntos. Qualquer coisinha às vezes fazíamos brincadeiras de rodas, esse bate mãos.

No acompanhamento escolar como minha mãe foi professora não de ensino escolar, mas de datilografia. Essa questão de fazer acompanhamento ela sempre esteve presente em reuniões e encontros que exigissem a presença dos pais. E por outro lado sempre tive cuidado, justamente para que minha mãe não precisasse ir à escola para chamar a minha atenção. Nesse

sentido acredito que ela teve bem pouca participação. Eu entendia que ela queria mostrar boa gratidão, minha mãe é professora. Por isso eu não queria dar essa tristeza para ela, pois participativa na escola. Era uma mulher simples, como dizia antigamente, participava se convidava. Dia da Bandeira, essas coisas, é o que tinha naqueles tempos para estar juntos, cantar o hino nacional, fazer ou participar de uma palestra.

Nós participávamos com frequência de festa junina na escola, lembro-me da realidade de festas, as datas comemorativas, Dias dos pais, Dias das mães, se fazia sempre algo por eles. A classe se mobilizava para essa apresentação, para um canto, para estar com os pais. Cantar parabéns juntos. Na mudança para o próximo ano escolar, tinha aquela expectativa. Então, para mim, foi sempre muito bom em saber que alcancei mais um ano e passei; já é uma vitória. Eu estudava bastante para conseguir passar, lembro que fiquei em recuperação na quarta série, mas depois não fiquei mais. Eu sempre gostei de estudar, também porque sentia como uma obrigação. Então não tinha preguiça de ir à escola.

Na oitava série, eu estava mais madura, muito tranquila na convivência com os colegas, além de permanecer e caminhar juntos. Criamos laços de amizade porque desde a quarta série, quinta série e sexta série estávamos juntos; as amizades foram muita tranquila e de companheirismo.

Considero a escola uma realidade de aprendizado, algo que sempre me encantou. O fato de ir à escola e aprender, de estudar, por exemplo, História, Ciência e tudo. São coisas que vamos descobrindo, que ajudam a crescer humanamente. A escola sempre me atraiu e chamou bastante atenção pelo clima, o local de aprender e conviver. O ambiente escolar foi um lugar sempre bem visto por mim.

Quando comecei a trabalhar, com treze anos completos, em uma loja de roupas, tive que unir trabalho e escola. Eu lembro que não aguentei oito meses. Ficou muito puxado para eu estudar e trabalhar, mas como tinha a necessidade, precisei trabalhar. Não suportei o meu primeiro ano de estudo, no caso o primeiro ano do segundo grau. Porque o cansaço já estava me vencendo. Eu começava no trabalho às sete e meia da manhã e saía às cinco horas da tarde; não dava tempo para tomar um banho em casa e comer algo, depois ir à escola. Voltava às onze horas da noite; tinha que ir a pé, chegava a casa, quase meia noite, para depois no outro dia estar com esse pique. Foi bem complicado para mim. Senti dificuldade e a necessidade de parar. Parar em alguma coisa. Conversei com a minha mãe ela disse-me que era necessário o trabalho; que eu parasse um pouco os estudos para descansar, depois continuaria. Mas esse continuar demorou.

### 3.3 A escolha pela vida religiosa

Eu namorei. Na realidade, o namoro foi algo que nunca me atraiu muito. Isto me ajudou a questionar, se é só isso que tinha na vida. Não porque a gente vai seguir o caminho. Um pouco foi porque não gostei da experiência, no sentido de pensar no casamento. Eu vim de uma família religiosa. Essa questão de igreja foi sempre uma realidade muito forte para nós no Ceará. Nós tínhamos até uma capelinha. Uma capela e uma Igreja grande que se chamava de matriz. A capela quem construiu foram os meus avós. Então essa proximidade com a igreja foi muito próxima.

Em São Paulo, tive a oportunidade de namorar, mas isso não me atraiu. Quando uma pessoa começava a falar em casamento, saía dos meus programas. A partir disso, fui discernindo, aquilo que eu vivia da realidade de oração. Por mais que fosse adolescente, meus pais tinham muito essa realidade de rezar em casa. Então, foi algo que me ajudou muito em despertar para descobrir algo novo. Ver a necessidade das pessoas nas ruas, os mendigos, as pessoas que não têm casa e vendia tudo, isso me chamava atenção. No meu cotidiano, eu rezava e pedia a Deus por eles, e isso fez com que eu amadurecesse no amar o próximo. Ficou sendo um caso que caminhava nesse sentido. A partir daí, arrumei o meu próprio caminho espiritual, com a catequese, a comunhão e crisma que me ajudaram muito a mudar, no sentido de optar depois pela vida religiosa. Quando descobri que a igreja me atraía, me perguntei: O que eu posso fazer na igreja? Veio o sinal da vida religiosa, o questionamento, quando eu comecei a fazer o caminho do discernimento.

A minha preparação foi com dezesseis a dezessete anos. A partir daí, assisti à palestra de uma irmã, que me incentivou em pensar na vocação religiosa. Com isso, fui discernindo. Ao ver as pessoas nas ruas, tudo o mais foi despertando em mim: O que eu poderia estar fazendo por elas? Nada tem a ver em passar e ter compaixão e ficar por isso mesmo. Isso me ajudou a amadurecer a ideia da vocação religiosa. Trabalhar, viver para Deus e pelos irmãos. Ajudar o próximo, tudo isso.

O fato mesmo foi por causa do meu tio que este ano fará oitenta anos. Ele esteve no seminário. E não se tornou sacerdote. Mas chegou bem próximo. Acredito que isso mexeu muito comigo, pensando na minha vocação. Porque era um sonho, uma alegria muito grande em saber e pensar em ter um tio padre. Porém, ele não concluiu os estudos de sacerdote. Mas fiquei talvez encantada com a ideia da vida religiosa, pelo fato de o meu tio ter sido e buscado o sacerdócio, e a família, por ter essa realidade muito cristã. Eu penso que tudo isso me

ajudou. A minha mãe foi aquela que me espelhou muito na realidade do viver a caridade com o próximo, para entender o serviço da Igreja.

A vinda para Paranaíba, MS, foi uma opção porque tínhamos apenas uma casa de formação para jovens de convento. A primeira casa era essa, e um dia conversando eu escolhi o meu caminho. Em São Paulo, na comunidade do Bom Conselho, eu apenas encontrei com as irmãs para me preparar e vir a Paranaíba. Foi um contato meio rápido de início e de conhecer as irmãs, estar com elas, rezar um dia e voltar para casa.

A minha experiência em Paranaíba foi própria para o discernimento da vocação religiosa, mesmo porque em São Paulo já fazia esse caminho; nós tínhamos uma equipe, éramos acompanhadas por um padre e freiras. Eles durante dois anos acompanharam o discernimento vocacional, e falaram no final de dois anos para tomar uma decisão: “- Vocês decidem para isto ou por outra realidade para não ficar parada no tempo”. Então, esse discernimento foi quando conheci uma jovem que vinha para cá nessa comunidade aqui em Paranaíba, e me deu o endereço. Comuniquei com as irmãs, escrevi para ver se podia fazer uma experiência de conhecer a casa. Na oportunidade, estive em Paranaíba, pela primeira vez, em julho de 1987, para conhecê-la; era tudo diferente de hoje. Eu lembro onde ficava a Farmácia Farmais e a rodoviária, tudo pequeno. Mas nesse tempo, tudo era pequeno em cidade pequena. Eu gostei muito da realidade do convento e me encontrei naquilo que pensava para a vida religiosa e, no final do ano, decidi voltar para permanecer. No dia 30 de dezembro, eu vim para Paranaíba, para dar início ao caminho de formação à vida religiosa.

Nós éramos um bom grupo, talvez umas dez meninas e meninos juntos com as irmãs. A casa tinha um movimento bom nesse tempo. A questão da formação em si, a realidade que nós temos, é mais no sentido religioso e espiritual. Estudo bíblico, catequese. Eu tive a oportunidade de vir com uma idade avançada, porém madura. Com vinte anos eu vim ao convento. Tinha minha formação cristã, e aqui só dei continuidade, de conhecer e aprofundar mais no espiritual, na vida religiosa consagrada.

Nós estudamos parte de documentos da Igreja e bíblicos. A catequese é no sentido de formação humana. O trabalho não é diretamente como o de uma psicóloga para nossa formação humana, mas a própria formadora tem preparação para isto. Ela acompanha as jovens e caminha para a vida humana, ou seja, descobrir-se e entender a pessoa como é, e sua formação humana, como funciona. Essa realidade nos ajudou a nos entendermos como pessoa, comportamento e atitudes. E fazer um caminho coligado: a questão espiritual e humana, de formação que nós temos. Eu, como egressa, tive um ano. Chama-se Aspirantado.

O segundo passo chama-se Postulantado. Nós ficamos na ideia de esperar e se preparar e fazer um caminho em passos. Aspirantado e Postulantado acontecem entre os dois primeiros anos. O próximo passo tem um compromisso maior que é o Noviciado, uma realidade que experimentamos dentro da Igreja e faz parte do Direito Canônico; é exigido. O Aspirantado é de um ano a oito meses. O Postulantado é o mesmo, dentro desse espaço de tempo. Os três são fáceis para discernir a educação. Conhecer bem de fato se é o que queremos levar à frente, e abraçar como causa a vida religiosa.

O ministério é o primeiro passo para se aprofundar com mais intensidade da vida religiosa, um tempo de alegria. No Postulantado e Aspirantado, você está com suas roupas de casa. Saia e blusa que você usa. O Noviciado, não. No meu tempo, o hábito que se vestia para dar início a essa etapa eram dois anos canônicos exigidos pela Igreja. Os ingressantes permaneciam internos. Não saíamos de dentro de casa, somente com a formadora. A jovem entra e precisa permanecer dentro até certo tempo, até completar a preparação e os estudos. Hoje o Noviciado é de dois anos. O Juniorato é outra etapa, ao qual pronunciamos os votos, e aí você pode dizer que nós somos irmãs.

O Juniorato são cinco anos. Você caminha e anualmente renova os votos: pobreza, castidade e obediência. Por que isso? Porque nesse tempo, ainda, somos jovens de quinze e dezessete anos. Por mais que eu tenha entrado com vinte anos, nessa etapa a gente também vai discernindo, e caminhando, em grosso modo, mas ciente de que vai tomar uma decisão, se é isso que quer viver. No Juniorato, se renovam anualmente os votos. A jovem tem oportunidade de desistir, não é algo rígido que começa e não pode sair. Tem a liberdade de discernimento, por isto tem cinco anos. Terminando essa fase de cinco anos, se a pessoa sentir de fato, ela professa os votos perpétuos. Os votos perpétuos seriam como um casamento, no qual eu me comprometo com a igreja, com a congregação, a viver para sempre essa vida.

Os votos perpétuos têm parte do hábito; recebemos antes uma aliança como compromisso que fazemos com a Igreja. Assumimos a Igreja e Cristo; tornamo-nos esposa de Cristo. Essa é a realidade de nossa etapa de nossa formação, depois da preparação perpétua, nós continuamos os estudos com documentos da igreja. A fase do Juniorato tem oportunidade de fazer cursos em teologia bíblica. Estudos relacionados à realidade espiritual. Essa parte de estudos, nós prosseguimos a vida inteira. Nossa vida caracteriza-se com estudo, depois com cursos que nos ajudam aprofundar nas questões de fé e tudo. Os retiros são momentos em que paramos para viver a vida e caminhada. Encontrar-se um pouco mais, na oração, e com Deus. Nós levamos o ritmo de nossa vida nessa realidade. O lazer com os jovens, os estudos,



mastem a parte da brincadeira, diversão e passeio. A nossa vida é normal, convivendo com todas as pessoas, até mesmo na realidade de nossa casa.

As pessoas perguntam, mas o que faz tanto uma mulher dentro de uma Casa? Nós não temos um salário, vivemos um pouco da providência, das pessoas que nos ajudam. Sempre tivemos a facilidade de ajuda, por exemplo. No momento, nós estamos paradas. Mas tem a escola de música ou há outras atividades que realizamos para arrecadar, um meio financeiro que nos sustenta. Outra parte de ajuda também é a nossa congregação. A Casa Madre, que é responsável pela congregação, nos auxilia, porque nós somos uma casa de missão, nas necessidades maiores de bem e socorro.

Temos a escola, por exemplo, e duas irmãs que trabalham. O fruto do trabalho delas nos sustenta. Na Casa somos dez irmãs e duas trabalham, e vivemos com o salário delas. A opção de nossa vida é tudo em comum, realizamos trabalhos; e tudo o que podemos fazer em prol de nos ajudar financeiramente é colocado em comum. Então, é por isso que eu falo que sobrevivemos com o salário das duas. A partir disso, temos ajuda de inúmeras pessoas de Paranaíba. Nunca faltou ajuda, não é só de quem nos ajuda financeiramente, há aqueles que ajudam com alimentos. Vivemos pela fé, na providência de Deus. A própria vida religiosa é voltada muito para esse lado. Viver da providência. Claro, sem deixar de buscar meios para buscar a luz.

O telefone é uma das coisas que você usa e tem necessidade de pagá-lo, precisa ter dinheiro. Temos que encontrar um jeito de conseguir isto, para alcançar os nossos compromissos e saldar. Isso é minha experiência nesse período de vinda para cá, do início de minha caminhada religiosa na terceira fase do Noviciado, e tive a oportunidade de ir a Roma, na Itália. No meu primeiro ano de estudos, eu parei aqui em Paranaíba, porque já estava na época de ir a Roma. Lá fiquei cerca de um ano, e retornei ao Brasil. Continuei os estudos: fiz, em Paranaíba, o Magistério como opção.

Nós todas, nessa realidade de caminho, temos essa experiência de um ano a dois anos na Itália para conhecer na base as origens da congregação, experimentar a realidade da vida missionária. Estudamos e fazemos curso da parte de teologia e espiritual, como história da Igreja, os evangelhos e aprofundar na Sagrada escritura.

A rotina em Roma é a mesma realidade daqui: trabalhar, lavar, passar, cozinhar e limpar a casa. Na parte da manhã, às vezes, trabalhávamos em casa, e à tarde, íamos à escola estudar. Voltávamos por volta da cinco horas. Nesse horário tem a parte de oração, de

convivência dentro do convento. Essa era a rotina que vivia no meu tempo de estadia. Fiz uns quatro cursos e saía quatro vezes na semana para frequentar as escolas.

Os cursos que fazíamos são sempre dentro da realidade espiritual. Em uma escola Mariana, como exemplo, uma faculdade que tem lá. Eu estudei italiano e, em outra escola, Mariologia, disciplinas de formação religiosa. A Mariologia estuda a pessoa de Maria, para aprofundar sobre ela. Nós aprofundamos bastante a questão bíblica com esses cursos que fazemos. É essa a realidade de se viver. Por ser um período curto de se estar ali, não é uma dimensão de trabalho maior. Nós temos mais é a realidade de estudos para crescermos em conhecimento espiritual e teológico.

Nós éramos aproximadamente doze irmãs de vários países, como: África, Filipinas, Índia, Malta, Brasil e Itália. Era uma comunidade internacional para uma experiência de convivência e estudos. A experiência que se vivia era de muita riqueza, de conhecer e conviver. Conviver com as filipinas, indianas e outras. É muito bonito entender como é a vivência deles e alimentação. As diferenças na alimentação eram, por exemplo: na das indianas, só se comia a comida delas na primeira vez, mas a italiana era para todas. É difícil abranger toda a realidade, mas é interessante no sentido de convivência, pelo fato de partilhar a experiência, de entender o outro. É isso que você colocava como conviver com elas. Tinha dias em que as irmãs diziam: “Hoje, por exemplo, vamos comer africano”. Então uma africana cozinhava e todos comiam para partilhar o que outro tem de riqueza de realidade.

No sentido de experiência de alimentação, fazíamos e partilhávamos uma realidade de que a outra tinha como riqueza de vivência. A parte dos costumes, entendermos como que cada uma funciona na realidade do seu país. A gente sabe que a realidade da África é complicada, com várias etnias e tribos; as irmãs viviam essas dificuldades; e, da mesma forma, as filipinas, que têm uma realidade um pouco difícil de vivência, mais pela pobreza. Muita gente em pobreza.

Na Índia também é igual, isso nos uniu porque o Brasil é um país pobre na realidade. Nós éramos pessoas que viviam em uma realidade de terceiro mundo, dentro de uma experiência de primeiro mundo na Itália. Mais importante é que nós não tínhamos essas diferenças, a riqueza nossa é aqui. Viemos de regiões diferentes, mas éramos como irmãs dentro de uma congregação. Isso foi uma experiência ótima e que continua sendo; é uma realidade muito presente para as demais irmãs que hoje estão aí, e continuam nesse mesmo espaço. Tem um tempo em que elas vão para a Itália curtir essas experiências da mesma forma com o grupo internacional. Os estudos são uma realidade da congregação.

Dentro da vida religiosa, tenho vinte e cinco anos, partilhei com o meu grupo de formandas aqui em Paranaíba a oportunidade de fazer a experiência em Roma. Nós temos esse processo aqui dentro da congregação. Foi uma experiência de um ano a dois anos em Roma. Para conhecer as fontes, como a Casa Madre e ter uma visão maior da congregação. Minha vida é balanceada entre Brasil e Itália, pelo fato da formação que eu tive nesse início. Após quase dois anos na Itália, retornei para o Brasil. Continuei a minha caminhada aqui. Voltei de novo para a minha preparação de formação para acompanhar as jovens. Vivi na Itália dez anos e no Brasil, quinze. São vinte e cinco anos formando na congregação.

Nós tínhamos uma casa de missão. Estávamos em Santa Rita de Cássia, Roccaporena. Esse lugar nos ofereceu a oportunidade de uma casa e realizar um trabalho com os peregrinos que chegavam à cidade. O nosso trabalho era ler. Um se dedicava à igreja, quando chegava a celebração de missa, e o outro, na parte do comércio, na loja de artigos religiosos, a obra era assim. Eu trabalhava na parte do escritório, onde recebia as correspondências de comunicação com as pessoas. Os peregrinos que têm devoção escrevem para render graças às congregações. Éramos quatro pessoas dentro de uma sala. As pessoas escreviam uma carta e pedia orações, nós anotávamos a oração. “Eu quero que resolva isso”. Anotávamos e rezávamos a missa. E respondia por meio de *e-mails* e cartas, digitava e enviava. Os pedidos que mais tinham eram de oração à família e para quem estava com problemas de saúde. A única religiosa era eu na equipe. Entrei em uma estrutura na qual já existiam leigos, apenas cheguei de “paraquedas”. Trabalhávamos das 8 horas às 11 horas e 30 minutos, depois das 14 horas às 17 horas, todos os dias, exceto sábado e domingo.

Nós, por sermos religiosas, somos acostumadas a essa realidade de receber pedidos de orações das pessoas. Como há os sacerdotes, apresentávamos essas questões de início, e eles celebravam a missa. É um processo desde o santuário, um movimento onde a gente se encontra com os peregrinos.

Nosso trabalho em Paranaíba está no atendimento espiritual. No sentido de acolher as pessoas, orar por elas, escutá-las nas suas dificuldades, orientá-las, sejam crianças, adultos e jovens. No sentido social, nós já tivemos, em outros momentos, o Lar das crianças e dos bebês rejeitados pelas mães, que nos eram confiados e nós cuidávamos deles, até a possibilidade de adoção. Encerrou-se esse trabalho pelas dificuldades sociais.

Iniciamos uma escola de educação infantil, com Jardim I, II e III. Crianças de dois a cinco anos são atendidas. Temos também um Instituto que trabalha com crianças mais carentes. Um trabalho realizado com crianças e famílias para ajudá-los. Acolhemos essas

crianças, e neste ano tem em torno de cinquenta. Elas vêm para aprender alguma coisa; na convivência, são ensinadas também a lidar com a realidade da sociedade e se fala de Deus também, no sentido de ajudá-las no seu ser, a realidade humana e espiritual também.

Ser freira nos dias de hoje não é complicado, se fosse para responder por mim. Porque já tenho vinte e cinco anos de vida religiosa, que se tornam, em média, vinte e oito anos de convento. Então, para mim, não é difícil, é opção que eu fiz e como me realizo. O que a gente vê hoje, de mais complicado, é aquilo que a sociedade oferece para os jovens. Os jovens que estão distanciando desse olhar para as coisas de Deus. Então o trabalho vocacional se torna um pouco mais difícil, mas, graças a Deus, fluem ainda vocações e corações desejosos de servir e continuar o caminho. É desafiante porque nós sempre incomodamos. A nossa vida e a realidade de usar hábitos sempre incomodam as pessoas. Para uns, traz admiração e para outros, incomoda, mas a nossa vida é para isto. Ser sinal e testemunhar aquilo que Deus nos chama a viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar Memórias de infância, escolarização e religiosidade da freira Irmã Anacleta de Araujo Ferreira pertencente ao convento Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli - Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria, em Paranaíba/MS. Com o uso da Metodologia da História Oral. Usar essa metodologia requer um trabalho árduo, e um pouco desgastante, pois merece tempo e dedicação, principalmente na hora da transcrição de entrevistas, todavia o resultado é prazeroso, quando passamos a conhecer parte da trajetória de Infância e escolarização de vários grupos ou minorias que nunca foram estudadas sua história.

Como Verena Alberti (2011) testificou a História desde muito tempo na perspectiva positivista predominante no século XIX, priorizou o estudo preferencial com fontes quantitativas, e desconsiderou o oral, nos quais os relatos de pessoas, biografias, histórias de vidas, diário pessoal, não contribuiria para o conhecimento do passado, pois são subjetivos. A partir do lançamento da revista *Annales*, em 1929, e outras correntes teóricas que se inseriram nesse movimento promotor de uma grande renovação historiográfica denominado de Nova História, alavancaram-se mudanças com a utilização de outras fontes, novas formas de abordagens e métodos. O resgate das fontes orais foi difundido por várias correntes das diversas áreas do conhecimento, como História, Sociologia, Antropologia, Literatura, Economia e outras.

Esse referencial teórico metodológico da História Oral permitiu conhecer sobre a Casa de Formação Madre Maria Tereza Spinelli, que surgiu a partir dos anseios de Maria Tereza Spinelli em querer oferecer atendimento educacional e espiritual no acolher das pessoas, de escutá-las nas suas dificuldades, necessidades materiais, e de formação humana. Por ser pouco conhecida, se espalhou por várias regiões e está presente em alguns países, e abrange também a função de assistencialismo na sociedade. As narrativas de infância, escolarização e formação religiosa de uma freira, permitiu pensar em certos grupos de identidades individuais e coletivos, construídos na sociedade, antes desconhecidos por nós.

Observou-se ao longo da pesquisa a trajetória de infância, escolarização e religiosidade da Irmã Anacleta Araujo Ferreira, que seu processo de formação escolar passou por variadas consequências de interrupção, advindo de fatores sociais, familiares e econômicos. Para que uma jovem possa ingressar no convento vem no seu desejo de escapar dos padrões estabelecidos pela sociedade, por exemplo, o casamento ou pela vontade de

querer fazer o *bem* e ajudar aqueles que necessitam de apoio. Dessa forma compreendemos que a construção da identidade religiosa inicia-se com a família e posteriormente nas relações estabelecidas de vivências com certos grupos culturais, formados na sociedade e vai se constituindo com a continuação nos estudos, de formação humana, espiritual e teológica.

Essa pesquisa nos leva a questionar sobre a formação religiosa que pode ter implicações positivas ou negativas na formação humana, já que a nossa sociedade é baseada em um sistema de crenças, ideias, valores e comportamentos. Essas irmãs desenvolvem trabalhos comunitários significativos de atendimento educacional e social. Não podemos esquecer que diferentes grupos étnicos, e minorias marginalizadas pela sociedade estão cada vez mais conquistando seu espaço de direito, por isso precisamos ter cautela para não disseminar ódio. Assim, com esse estudo, esperamos contribuir de forma significativa para a preservação da memória da escolarização de freira que atua de modo relevante com seus serviços de assistência, e evangelização na comunidade de Paranaíba/MS. Desse modo a História Oral, enquanto metodologia e prática de conhecimento histórico reconhece que as trajetórias de grupos específicos, merecem ser traçadas em suas especificidades e identidade de culturas, de etnias, religiões ou opção sexual, devendo ser reconhecidas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BEA, Fernando. **Um amore Straordinario vita di Maria Tereza Spinelli**. Roma: Citta'nuova, 1980.
- BEA, Fernando. **Um amor extraordinário**. Tradução. Ir. Maria Tereza Cruz. Roma: Tip. Olimpia, 1982.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In:\_\_\_\_\_.(org). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 1º ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- FERREIRA, Anacleto de Araujo. **JEITO DE FREIRA: Infância, Escolarização e Religiosidade (1984 -1987)**. Paranaíba/MS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). 25 março. 2015. Registros para pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura do curso de Pedagogia. Entrevistas concedida a Rute dos Santos Lemos Leal.
- FIORUCCI, Rodolfo. História oral, Memória, História. **História em Reflexão, Revista Eletrônica de História, UFGD**. Dourados, v.4, n.8, p. 1-17, jul/dez, 2010.
- FREITAS, Sônia Maria. **História oral** – possibilidades e procedimentos. 2º ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Jeito de freira: Estudo Antropológico sobre a vocação religiosa feminina**. Cadernos de Pesquisa (73): 48-58. 1º ed. São Paulo. Maio, 1990.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**. Rio Grande, v.2, n.1, p.95-108, 2011.
- PICOLI, Bruno A. Memória, História e Oralidade. **Menemosine Revista**, Rio de Janeiro.v.1, n.1, p. 168-184, jan./jun. 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História oral e Memória: pensando um perfil do historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**. Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.
- VEIGA, Georgea Suppo Prado. **História da Educação do Patronato São José em Paranaíba (1953-1963)**. 2014. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG. 2014.

## APÊNDICE A- Roteiro de Entrevistas

1. Qual o seu nome completo? E o nome de seus pais? A profissão deles? Se você tem irmãos?
2. Em que ano e em qual cidade nasceu?
3. Fale sobre sua formação escolar: Em que ano começou a estudar? Onde fez a escola primária? Como foi sua alfabetização? Leituras que fazia?
4. Fale sobre a localização dessa escola? E as características do prédio; como biblioteca, nº salas? Móvelia, quadra e etc?
5. Fale sobre sua rotina escolar? Em qual horário funcionava as aulas? Disciplinas que estudou; e qual era sua preferida e por quê?
6. Se fazia uso de uniformes na escola?
7. Quais eram os materiais utilizados pelos professores em sala de aula?
8. O nome da cartilha que sua professora usou para te alfabetizar?
9. Como era a disciplina escolar, os professores davam castigo e prêmios?
10. Como era o recreio? Havia lanche gratuito?
11. Como era a relação entre os colegas de sala e o professor?
12. Os seus pais faziam acompanhamento escolar?
13. E as festas escolares; como e onde acontecia?
14. Fale sobre sua Infância? Como foi?
15. Fale sobre sua formação religiosa? Por que escolheu ser freira?



**APÊNDICE B – Modelo do termo de Consentimento Livre e Esclarecido de entrevistado****TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITO SOBRE  
DEPOIMENTO ORAL E IMAGEM**

Cedente: \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_,  
estado civil: \_\_\_\_\_, profissão: \_\_\_\_\_, portador da cédula de  
identidade (RG) nº: \_\_\_\_\_ emitida pelo \_\_\_\_\_, e do CPF  
nº \_\_\_\_\_. Outros documentos: \_\_\_\_\_

A entrevista e as imagens serão gravadas exclusivamente para pesquisa de Trabalho de Conclusão de curso, com licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba.

Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento e de imagem de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora Rute dos Santos Lemos Leal, graduanda pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba/MS.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, os meus depoimentos e imagens, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, em consonância com as normas da academia, com a única ressalva de integridade ética, de acordo com as normas da academia, de indicação de fonte e autor.

**Paranaíba/MS, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

---

Assinatura do Depoente/Cedente



